

20 DIAS NO MUNDO DOS MORTOS

OU

20 DIAS NO MUNDO DA OUTRA VIDA

Dr. JORGE ADOUM

Copyright: Comissão Divulgadora Jorge Adoum

Primeira edição: 1978

Primeira reimpressão: 1991

A FUNDAÇÃO CULTURAL AVATAR, com sede à rua Min. Octávio Kelly 352 c. 6, em Niterói, RJ, foi autorizada pela Comissão Divulgadora Jorge Adoum, a publicar esta edição.

Adoum, Jorge

20 Dias no Mundo dos Mortos, ou 20 Dias no Mundo da Outra Vida;
tradução pelos membros da Comissão Divulgadora Jorge Adoum.

-- Niterói, Fundação Cultural Avatar, 1991.

134p20cm.

Reprodução fac-similar da 1ª edição, editada pela F.E.E.U. em
1978.

1. Ocultismo. I. Comissão Divulgadora Jorge Adoum.
II. Título.

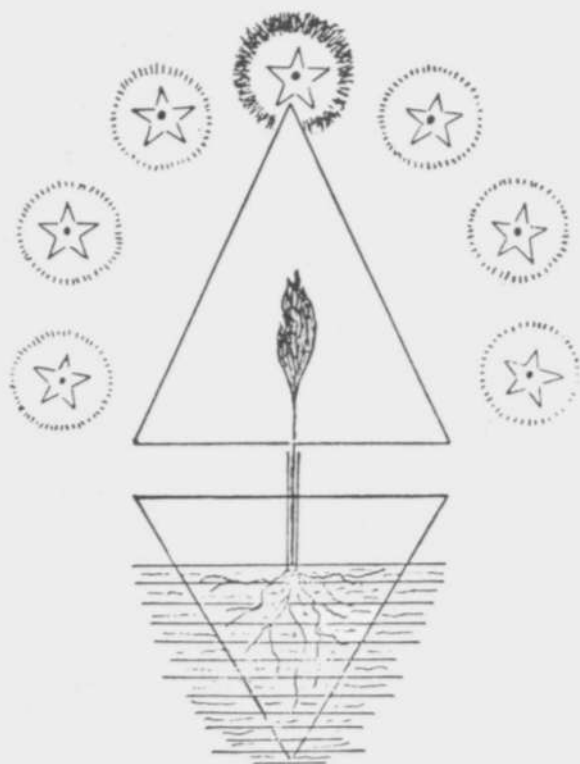
CDD 133

CDU 133:140.8

ISBN: 85-7104-017-6

IMPRESSO NA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DR. JORGE ADOUM



**20 DIAS NO MUNDO DOS MORTOS
OU
20 DIAS NO MUNDO DA OUTRA VIDA**

Livros de Jorge Adoum que a FUNDAÇÃO CULTURAL AVATAR
programou publicar:

- Cosmogênese
- O Reino, ou o Homem Desvendado
- 20 Dias no Mundo dos Mortos
- O livro sem título de um autor sem nome
- O Átomo Divino - O Grânulo da Vida (obra póstuma)
- A gênese reconstruída
- Como sentir e desfrutar a felicidade
- O Evangelho da Paz de Jesus Cristo pelo
Discípulo João (obra póstuma)
- Ser esposa feliz é uma arte
- O povo das mil e uma noites -
- O batismo da dor
- Poderes, ou o Livro que diviniza
- A Sarsa de Horeb, ou o Mistério da Serpente
- Rumo aos Mistérios
- O Exército da Serenidade e da Brandura (obra póstuma)

COMISSÃO DIVULGADORA JORGE ADOUM
Santos Dumont, MG-BRASIL
Caixa Postal 54

DR. JORGE ADOUM



Líbano, 10 de março de 1897
Brasil, 4 de maio de 1958

A mulher que me prodigalizou
tanto o desvelo de uma mãe,
quanto a ternura de uma irmã
e o carinho de uma filha,
a qual pelo seu zelo e esforço
me arrebatou das garras da morte,

Senhora Ana Yara de Mezey,
dedico

esta Obra que me foi revelada
e escrita em sua casa.

Autor
Torze Adsum

SENHORA ANA YARA DE MEZEY



Homenagem
e
Gratidão
da Comissão Divulgadora Jorge Adoum
e do
Instituto Joaquim Soares de Oliveira

ao Autor desta Obra, D^z Jorge Adoum,
à Senhora Ana Yara de Mecej
e aos seus Mestres, Guias e Amigos
da Espiritualidade.



Santiago do Chile
Julho de 1946

Joaquim Sores de Oliveira
e
Jorge Adoum
Tinham o Ideal Comum
de
"Fazer uma Sementeira de Seres
para servir à Obra Divina"

Instituto Joaquim Soares de Oliveira
Santos Dumont - MG - Brasil



Escola para garotos de 12 a 18 anos
Ensino profissional e assistência
gratuita,
com o Princípio, o Caminh e o Objetivo
de
"Iluminar a Geração Presente para
a Grandeza do Futuro."
Fundada em 10 de julho de 1949, tendo
como Patrono um dos grandes amigos de
Jorge Adoum, o nosso querido Irmão
e Mestre Joaquim Soares de Oliveira,
falecido em 9 de julho de 1946.
Comendador da "Fraternidade Rosicruciana Antiqua",
no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio — Um esclarecimento.....	17
A história deste livro.....	19
Capítulo Primeiro	
O 1.º Dia. O Desprendimento.....	22
Capítulo Segundo	
O 2.º Dia.....	33
Capítulo Terceiro	
O 3.º Dia.....	45
Capítulo Quarto	
O 4.º Dia.....	53
Capítulo Quinto	
O 5.º Dia.....	60
Capítulo Sexto	
O 6.º Dia.....	69
Capítulo Sétimo	
O 7.º Dia.....	77
Capítulo Oitavo	
O 8.º Dia.....	85
Capítulo Nono	
O 9.º Dia.....	95
Capítulo Décimo	
O 10.º Dia.....	102
Capítulo Undécimo	
O 11.º Dia.....	110
Capítulo Décimo Segundo	
O 12.º Dia.....	115
Capítulo Décimo Terceiro	
O 13.º Dia.....	123
Capítulo Décimo Quarto	
O 14.º Dia.....	128

PREFÁCIO

Um esclarecimento

O Dr. Adoum escreveu este Livro após ter sido acometido por um distúrbio circulatório que durou VINTE DIAS, durante os quais viveu conscientemente no “MUNDO DOS MORTOS”, ou, no “MUNDO DA OUTRA VIDA”.

Tendo se restabelecido — começou — depois de alguns meses, a escrever suas experiências. Depois do relato referente ao Décimo Quarto Dia, veio a se enfermar novamente, tendo, então, deixado definitivamente o seu corpo físico no dia 4 de maio de 1958.

Esclarecemos também que traduzimos este livro do idioma espanhol, seguindo inteiramente o estilo do Autor que o escreveu sem a preocupação de burilar pensamentos e frases.

IRAN diz em seu livro *El Médico del Alma* que o grande enigma imposto à imaginação humana é o da sobrevivência após a morte física; diz ainda que se cada ser humano souber com certeza em que irá se converter depois da morte e se conseguir compreender que continuará vivendo, pensando, sentindo, vendo no “Outro mundo”, haverá um formidável progresso; esta certeza será uma Luz capaz de diminuir uma grande parte das interrogações e do sofrimento humano. O seu livro é, como diz Ele, o resultado de doze anos de sua vivência consciente nos mundos invisíveis. Suas mensagens são de alta transcendência científico-espiritual.

O Dr. Adoum, neste seu livro, nos diz e mostra com exemplos, muito variados, a realidade da sobrevivência humana após o fenômeno da morte.

Tudo ele escreve de maneira muito clara, apresentando fatos à altura da compreensão de qualquer pessoa.

Outros escritores, mestres e inúmeras Mensagens Espíritas têm tratado do assunto com grande maestria e verdade.

O mérito do Dr. Adoum ele não o considera maior nem melhor do que o de seus antecessores.

Nós, porém, divulgamos o seu livro porque são experiências vividas por ele de uma maneira tão natural e ditas de um modo tão simples e ao mesmo tempo tão real e profundo, que irão desanuviar muitas mentes, confortar muitos corações e preparar muitos outros para ingressarem conscientemente no mundo do “Mais Além”, a fim de se tornarem cada vez mais úteis à Obra Divina.

O Do Adoum soube comprovar em si mesmo, e nos convida a comprovarmos por nós mesmos, a Verdade das magistrais e desbravadoras palavras do Nazareno quando disse:

“O QUE LIGARES NA TERRA, SERÁ LIGADO NO CÉU”.

“NA CASA DE MEU PAI HA MUITAS MORADAS”.

“Comissão Divulgadora Jorge Adoum”
Santos Dumont — Minas Gerais — Brasil
Caixa Postal 54
Março de 1978

A HISTÓRIA DESTE LIVRO

Em um dia agradável, fins de abril de 1957, depois de meu regresso da Argentina, encontrei-me na rua com minha amiga Ana de Mezey e a convidei para almoçar comigo em um restaurante árabe na Rua Senhor dos Passos. A comida era saborosa e o ambiente muito acolhedor. Terminada nossa refeição, perguntei-lhe:

— Que tal irmos agora a um cinema?

— Não há nenhum inconveniente, respondeu-me. E fomos.

O filme não era muito atraente, mas servia para passarmos duas horas sem pensar nos sérios problemas da vida.

Eram três horas e quarenta minutos da tarde; alguns momentos antes de terminar o filme, senti algo diferente e um mal-estar geral em todo o meu corpo: estômago enjoado e dor de cabeça. Percebi que minha perna e mão direitas moviam-se sem o controle de minha vontade, jogando-se para a esquerda e para a direita... E... Por último... Eis aqui o “*quidT*... Senti-me cego... Cego... Não enxergava nada, absolutamente nada.

Fiz um esforço e olhei, isto é, dirigi minha cabeça para a direita e para a esquerda; não via senão trevas.

No salão havia uma luz vermelha em um canto. Dirigi os olhos para ela e via... Da raiz do nariz contemplei uma luz como se eu estivesse vendo-a através de óculos escuros em cuja metade havia um orifício de um centímetro de altura e um milímetro de largura; dessa janelinha a luz me parecia ter três cores: branca, vermelha e amarela.

Não quis assustar minha companheira, porém ela percebeu meu estado anormal e me perguntou:

— O que está sentindo?

— Não estou bem.

— Vamos então sair.

— Sim, mas é preciso buscar um táxi; creio que tenho dificuldade de andar.

— Já vou e volto.

Ela saiu, e eu procurei usar vários métodos para recuperar meu estado normal. Daí a dois minutos terminou o filme; o pessoal começou a sair do salão do cinema; comecei a recuperar a vista pouco a pouco.

Então, verifiquei que o movimento do pé direito era como a batuta do músico que serve para marcar o compasso; a mão direita seguia o mesmo ritmo movendo-se da direita para a esquerda.

Dois minutos depois pude me levantar para sair em busca de minha companheira a qual já encontrei ao meu lado; ajudou-me então a sair do cinema.

O táxi chegou e entramos. Ela deu o endereço de sua própria casa. Em verdade, ela não podia fazer outra coisa porque sabia que eu era como o “Filho do Homem” que não tinha onde repousar a cabeça.

Chegando à casa, levou-me a um quarto, bem ventilado e cômodo; ajudou-me a tirar minha roupa externa e me deitou em uma cama macia. Em seguida, chamou o médico. Depois, deu-me para beber uma infusão de plantas.

Encontrava-me em um estado muito raro, em um estado cuja descrição fazia-me rir. Era um estado tão extravagante que o mero fato de ser contado, faz todo mundo também rir.

Quando eu fechava os olhos, via-me em outro mundo, em outra dimensão; via pessoas conhecidas e desconhecidas, mortas há vários anos. Havia escrito há dias para um amigo na Argentina, e fiquei surpreendido ao vê-lo entre os mortos. De fato, poucos dias depois tive notícia de seu falecimento.

Eu estava compartilhando da vida dos mortos; eles falavam comigo e eu com eles, mas, para que adianta este relato...; no entanto, quando eu abria os olhos voltava ao mundo dos chamados vivos

O médico chegou; era um homem maduro. Falou-me; perguntou-me... Examinou-me com seus aparelhos e com seus dedos. Fez-me uma transfusão de sangue da artéria para o músculo.

Receitou, cobrou e disse:

— Voltarei amanhã.

E voltou várias manhãs; paulatinamente passei por uma dezena de sintomas. Durante muitos dias, ao fechar os olhos, via-me entre os mortos que vivem, e, ao abri-los, 'entre os vivos que morrem.

Coincidiu que várias vezes, enquanto eu conversava com um ser do “mais além”, a dona da casa perguntava-me algo; minha resposta saía incoerente, como, por exemplo:

— Almoçou bem? Perguntava ela.

— Não sei ainda, respondia-lhe eu, ao abrir os olhos. Esta resposta não era a correta; eu estava respondendo a uma amiga morta há anos que me perguntava:

— Agrada-lhe estar entre nós?

Mas, o que adianta relatar estes fatos, se tudo vai chegar a seu devido tempo?

CAPÍTULO PRIMEIRO

O Primeiro Dia. O Desprendimento

Às nove horas da noite do mesmo dia minha amiga apagou a luz do quarto, desejou-me uma boa noite e retirou-se fechando a porta.

Eu estava deitado de costas com a cabeça alta repousada sobre três travesseiros.

Sentia-me cansado de uma maneira diferente de todo cansaço físico. Fechei os olhos para meditar e senti uma vontade imperiosa de livrar-me do corpo físico, como se ele fosse uma carga pesada demais.

Eu não sentia apego algum à vida, como se houvesse já vivido milhares de anos em busca de um objetivo sem poder consegui-lo e sem esperança de obtê-lo.

Que vida tão inútil foi a minha e quão insignificante tenho sido! Minha vida foi como um alarme falso, ou, como diz um refrão árabe: “ouço o moinho rodar, mas não encontro farinha”.

Todos estão apegados à vida, e, no entanto, eu a sinto como uma carga pesada.

Sempre busquei a superação em tudo e em coisa alguma me sobressaí.

Não me queixo de nada e de ninguém, porém, desgosta-me minha inutilidade e insignificância. O mundo esperava muito de mim; eu defraudei o mundo; quão inútil é minha vida; eu devo morrer...

E enquanto meditava em tudo isto, me vi?... Senti?...

Que coisa tão estranha! Mas, isto é impossível!

Será isto o princípio da loucura?

Será isto a morte?

Naturalmente o leitor quer saber o que aconteceu.

Pois bem, aqui vai:

Vi-me, senti-me que estava parado ao pé da cama contemplando meu corpo deitado de costas, meio recostado na cama.

Sou dois? Estarei alucinado?

Comecei, então, a contemplar e a estudar aquela situação tão rara e extravagante.

No quarto não havia luz; no entanto eu via. Via, sim, mas de uma maneira diferente e estranha. Via os objetos no quarto rodeados de uma auréola luminosa e de diferentes cores.

Meu corpo deitado na cama foi o que mais me preocupou. Como posso eu estar deitado e ao mesmo tempo estar de pé ao lado de meu corpo? Não somente meu corpo emanava aquelas luzes, mas também até o mármore da mesa, embora fossem menos densas e menos compactas.

Toda a casa me parecia cheia de vida.

Tudo tinha aura emanada do centro.

Pela janela aberta contemplei por um momento as árvores que estavam em frente à casa, e vi que irradiavam uma luz cinzenta clara.

Tudo irradiava luzes de cores diferentes.

Naquele momento senti um forte desejo de entrar novamente em meu corpo. Foi uma atração irresistível, e, sem saber como, entrei nele, mas senti uma dor forte na cabeça. Então dei-me conta de que a bolsa de gelo que estava sobre a minha fronte havia resvalado e caído; eis porque sentia dores.

O que aconteceu? Perguntei a mim mesmo. Devo estar bem doente a ponto de ver tais ilusões!...

Já vivi o suficiente; é chegada a hora de deixar este pobre corpo que tanto suportou esta vida. Já é tempo de devolvê-lo ao barro de onde veio. Sim, sim...

Novamente estou fora do corpo!...

Com toda a certeza este estado deve ser o prelúdio da morte, ou é o resultado de estudar livros de espiritualismo, pensei comigo.

Contemplei extasiado o meu quarto, o meu corpo e os móveis; senti que eu não era aquele que estava deitado na cama.

Meu corpo estava meio estendido; estava transparente e crivado, por um sem número de orifícios. Todos os órgãos internos funcionavam lentamente. Ao redor desta massa transparente havia outra muito mais sutil; era como aquela luz que rodeia uma lâmpada elétrica nas noites de neblina.

Será esta a morte?

Não creio porque me sinto vivo; mas eu estou fora de meu corpo.

Então me veio à memória o que eu havia lido há anos nos livros de ocultismo, os quais diziam que o homem tem vários veículos ou corpos além do corpo físico.

Desta maneira comecei a raciocinar assim: meu corpo físico é como a vela; a labareda é como o corpo cintilante chamado astral; e a luz é como o corpo mental ou a mente...

Mas, para que filosofar?! Eu estou contando fatos, e não escrevendo um tratado de metafísica ou uma obra sobre ocultismo.

Meu corpo chamou muito a minha atenção; porém, o que muito eu admirava era o meu estado fora do corpo.

Em que estado me encontrava?

Sonhava?

Mas eu estava em meu estado mental perfeito. Via e raciocinava comigo mesmo; porém, não me sentia uma só pessoa, e sim um conjunto

de seres unidos e separados entre si ao mesmo tempo. Sem dúvida, o meu estado era anormal.

Eu experimentava um grande bem-estar; estava feliz neste estado porque compreendia a doçura da dor, o encanto de sofrer e a amargura da alegria.

É muito difícil explicar a sensação do estado em que me encontrava em que a dor e o prazer se misturavam, e não se lhes podia separar.

Eu me sentia em uma doce calma; uma espécie de eterna calma a qual tem uma música que não se pode comparar com qualquer música humana.

Naqueles momentos pensei nos morfinômanos, nos ascetas e nos budistas; naqueles que se embriagam pela fé ou pelo ópio, e se elevam em seus sonhos ao mais além da natureza, ou descem às regiões mais inferiores de seus elementos.

Tudo me falava ao meu redor na linguagem de seu brilho; tudo lançava sons e cores diferentes e harmônicos com os demais; parecia-me que o sol era um imenso órgão cujas teclas eram tocadas por seres invisíveis.

Mas, porventura, eu via e ouvia?!

Eu não sei o que responder. As palavras ver e ouvir são usadas aqui para a compreensão, mas não era ver e ouvir o que eu experimentava.

O que era então?

Não sei, mas o que posso assegurar é que eu era mais ágil e mais sensível; minha vontade guiava-se sem alterações e meu juízo estava intacto. Por fim cheguei a convencer-me de que meu estado era anormal; pensei que se isto não é a morte, deve ser o seu prelúdio.

Deixei meu corpo deitado e me dirigi ao quarto de minha amiga. Como cheguei lá?! Caminhando?! Não sei. Não caminhei e, no entanto, estava lá; em seguida perguntei a mim mesmo: Não tens vergonha de entrar no quarto de uma mulher sem bater na porta?!

Caramba! Os doentes se tornam sem escrúpulos.

Mas, o que vejo?!

De fato estou muito mal, muito mal em meu estado mental.

Vi minha amiga sentada ao lado de seu corpo; ela fazia cálculos e até a vi pensar. Ela estava rodeada de uma auréola de luz com algumas nuvens de várias cores. A auréola ao redor de sua cabeça era grande, mas a sua cor não era nítida. Tratei de sentir o que ela pensava e ideava; meu esforço me fez descobrir que ela fazia cálculos e queria muitas coisas ao mesmo tempo. Pensava em comprar apartamentos, ter uma bela casa com jardins cheios de flores de todas as espécies; depois viajar pelo mundo. Logo em seguida mudou de pensamento e se lembrou de mim; neste momento entrou em seu corpo e... Despertou-se; levantou-se e foi descalça até ao meu quarto detendo-se diante de meu corpo e o contemplando. Vi que de sua cabeça em especial e de seu corpo em geral saíam muitas luzes coloridas, porém um tanto confusas. Naquele momento eu não compreendia nem entendia a linguagem das luzes, mas, agora sim, posso decifrá-las. De sua cabeça emanava uma luz de cor amarela esverdeada, que significa simpatia; depois mudou para um rosado claro que é um afeto terno. Ao ver que meu corpo dormia, voltou com cuidado e foi para sua cama.

Até agora devo aprender que eu sou UM, mas tenho dois corpos nos quais habito, a saber: um corpo denso que está dormindo diante de mim e outro que segue ligado a mim. Este segundo corpo não é muito diferente do seu físico; ele está rodeado por uma aura de cores brilhantes e é composto de uma matéria muito sutil, vaporosa e fina. Cheguei também a compreender que é uma espécie de veículo ou ponte ou meio de transporte entre o cérebro físico e a mente que atua em outro veículo mais diáfano ao qual podemos dar o nome de Corpo da Mente ou Corpo Mental.

Em verdade este corpo luminoso não é muito diferente do físico; só que está rodeado daquela aura de cores cintilantes e composto de matéria muito mais fina e sutil do que física. É o veículo dos sentimentos, das paixões e dos desejos, conforme veremos mais tarde; é a ponte unindo o cérebro à mente.

Segundo minhas observações, o homem sem desenvolvimento vive durante o sono uma existência vaga, e, ao se despertar, o seu corpo físico recorda muito pouco ou nada de seu viver durante o sono; enquanto que o homem desenvolvido converte-se durante o sono físico, por meio de seu poder mental e de desejos, em servidor do mundo e trabalhador consciente na Obra Universal.

Meu corpo físico continuava dormindo e eu andava de um lado a outro. Aproximei-me da janela frente ao parque e minha surpresa foi indescritível. O parque estava repleto de gente; uns estavam parados de pé; outros se moviam lentamente e outros caminhavam. O mais surpreendente era que os que caminhavam penetravam nos corpos dos que estavam imóveis, e seguiam adiante; nenhum dos dois grupos se advertia da existência do outro. Este fenômeno me chamou a atenção. Quis ir ao local, ou melhor, tive desejo de investigar o mistério da penetrabilidade dos corpos, e... Imediatamente me vi no parque, mas de uma maneira que me senti perplexo. Eu estava no parque, porém sem corpo.

Como?! De que maneira?!

Vou explicar minha sensação. Eu estava no parque, porém sem meu corpo físico. Eu sentia sem sentidos externos; estava com a gente do parque e ao mesmo tempo em meu corpo astral que parecia esperar-me na janela perto de meu corpo físico.

Que complicações são estas?!

Não sei, querido leitor.

Por isto lhe digo que se esta leitura o aborrece, deixe o livro para quem gosta de decifrar enigmas.

Eu me sentia UM, porém com vários corpos ou envolturas semelhantes a várias peças de roupas sobre meu corpo: camiseta, camisa, paletó. No parque eu estava com uma camiseta; na janela com uma camisa e na cama com a minha roupa diária.

Em verdade era algo curioso.

Eu também, querido leitor, estou pensando como você: trata-se de um princípio de loucura. No entanto, vou continuar o relato, posto que se trate de uma loucura inofensiva.

O que mais me confirmava o estado de minha anormalidade era a vestimenta daqueles seres que vi no parque naquela noite. Uns estavam com roupas de épocas passadas e antigas; outros não estavam com roupa alguma e seus corpos eram gasosos como uma espécie de densa neblina banhada pelos últimos raios do sol poente.

Outro fenômeno surpreendente me chamou a atenção: eu via todos que estavam ao meu redor, mas eles não me viam. Por quê? Perguntei a mim mesmo. Vi alguns que caminhavam e se dirigiam ao meu encontro e me atravessavam sem perceberem minha presença, como se eu fosse uma espécie de brisa imperceptível. Sem embargo, todos que estavam ali eram interpenetrados por outros de matéria mais diáfana e flutuavam em um mar de átomos luminosos que os envolvia e enchia todos os interstícios da matéria física.

Será isto o que a ciência chama de “éter”, o qual interpenetra todas as substâncias conhecidas desde o sólido mais denso ao gás mais rarificado?

Outro fenômeno: não há dois átomos que se toquem; o espaço entre dois átomos é muito maior do que os próprios átomos. Será que este fato explica que um ser que vive no mundo luminoso ou astral, como o chamam os místicos, pode ocupar o mesmo espaço de um ser que vive no mundo físico sem que um seja consciente do outro e que não se estorvem em seus movimentos? Assim deve ser, pois eu não encontro outra explicação.

Alguns daqueles seres ali presentes estavam rodeados por uma nebulosidade mal organizada, tosca, de cor escura e densa, estendida em todas as direções. Em muito poucos seres aquela aura era bem grande e de formosa luminosidade, porém o mais surpreendente eram as suas cores.

Não só o corpo físico do homem possui aura luminosa, mas também todo objeto físico tem seu grau correspondente em ação permanente.

Todo objeto físico tem sua aura luminosa; sua luminosidade está em constante movimento.

O que mais me chamou a atenção foi o fato de que na maioria daqueles seres eu via que a superfície inteira de seus corpos estava coberta de uma infinidade de pequenos remoinhos e bem assim de movimentos inter cruzados batalhando uns contra os outros em louca confusão.

Prestei mais atenção a esse estado, e então compreendi que isto é o resultado de emoções e preocupações que invadem o homem.

Vi também um ser que tinha cinco cores bem definidas em várias partes de seu corpo com cinco graus de vibração, como, por exemplo: amarelo brilhante ao redor de sua cabeça, rosado em todo o corpo, carmesim que dava matiz às demais cores. Aquelas nuvens de luz em

rápido movimento de rotação eram de beleza que não se pode descrever nem representar com palavras ou pinturas.

Olhei novamente a janela por onde havia saído e encontrei meu corpo luminoso, nome pelo qual o designarei doravante; então compreendi que ele é como uma verdadeira ponte entre minha vida mental ou consciência e minha vida física, e que atua como transmissor de vibrações entre o corpo físico e o mental.

De todo o exposto, tirei duas conclusões:

1ª — Durante o sono o corpo luminoso pode separar-se do físico e atuar livremente em seu próprio plano, -mas sem afastar-se muito do corpo físico.

2ª — Que o homem ou o seu Eu pode separar-se do corpo luminoso deixando-o perto do corpo físico, e agir livremente em seu estado, ou, melhor dito, em outro plano que alguns denominam “Plano Mental”.

Ao contemplar aquela multidão percebi que todo ser emana um ovóide de várias cores; mas em geral a parte inferior do ovóide é maior do que a superior, e assim, tem a forma de um ovo com a parte mais estreita dirigida para cima; não obstante um pequeno número dos presentes tinha a parte mais estreita para baixo. Os primeiros tinham as cores do ovóide, muito turvas e sujas, enquanto que os segundos tinham no ovóide várias cores muito nítidas, definidas e brilhantes. Então compreendi intuitivamente que os primeiros têm falta de desenvolvimento mental e psíquico, enquanto que os segundos são muito adiantados. Os primeiros manifestavam-se em vibrações muito

lentas e grosseiras, enquanto que os segundos mostravam-se em uma matéria mais fina e transparente.

Vi poucos homens com a cabeça rodeada de cor amarela, outros de cor rosada e outros, azul; sem que ninguém me explicasse, senti que os primeiros eram sábios, os segundos eram afetuosos e os terceiros eram devotos. Todas as cores nítidas e brilhantes encontram-se sempre na parte superior do corpo, enquanto que as cores turvas, sujas e confusas estão na parte inferior; e assim me pareceu que cada qualidade se manifesta em uma cor e possui seu tipo especial de matéria, cor e luz.

As cores limpas e nítidas persistem durante muito tempo, enquanto que as sujas desaparecem e são trocadas com muita rapidez, como que devoradas pela atmosfera.

Depois de contemplar aquilo com muita atenção, senti compreender o seguinte:

O “EU SOU”, DEUS, mora na parte mais superior de nossa mente e a ELE só podem chegar, por afinidade, os pensamentos desinteressados e altruístas; enquanto que os pensamentos inferiores vão afetar os átomos inferiores do eu inferior.

Vi vários seres com a aura quase igual, salpicada de manchas escarlates, opacas e borrentas. Outros tinham o corpo mais definido, enquanto que muito poucos, um corpo luminoso de uma beleza surpreendente. Através da parte superior ao corpo havia uma franja de cor lilás. Sobre a cabeça e envolvendo-a aparecia uma nuvem de cor amarela brilhante; abaixo, uma larga franja azul e através do corpo, outra franja rosada; na parte inferior do corpo, a cor verde. As cores eram brilhantes, luminosas, e o corpo estava bem delineado.

Às vezes via certos seres com um corpo que vibrava de muitas e diferentes maneiras ao mesmo tempo e de uma maneira feia e horrível, bem como enfermiza; essas vibrações são daninhas e contagiosas que afeiam os seres sensíveis, os quais sentem inquietações e preocupações que chegam a dar origem a enfermidades nervosas.

Estes seres pareciam-me como enfermos por causa dos temores que aniquilam a vitalidade.

Vi alguns que tinham aura branca, sem cor, que me produziram uma espécie de temor e repugnância; o medo apoderou-se de mim ao vê-los, como se eu estivesse entre seres informes e malignos que desejavam devorar-me.

Vi uma criança com cores formosas e brilhantes livres de qualquer mancha, e, enquanto eu estava assim embevecido com aqueles fenômenos, senti uma necessidade urgente de voltar ao meu corpo; e de supetão entrei nele; nesse instante despertei-me assustado.

Minha amiga estava perto de mim pela segunda vez naquela noite, e estava cobrindo minhas costas.

— Como está? Perguntou-me.

Fechei novamente os olhos e respondi:

— Estou bem... Estou bem.

A luz do dia começava a aparecer, e chegava a mim pelas persianas.

CAPÍTULO SEGUNDO

O Segundo Dia

O médico veio pela manhã.

Injetou-me penicilina, receitou, cobrou a visita e saiu prometendo voltar no dia seguinte.

Não me sentia bem: tinha dor de cabeça e minha vista direita estava enevoada; não me deixava ver totalmente as coisas; ao olhar para o rosto de uma pessoa não distinguia seu olho esquerdo nem a região frontal esquerda; isto queria dizer que meu nervo cerebral ótico estava afetado. Peguei um livro para provar se podia ler; minha aflição foi grande ao constatar que, se a palavra continha mais de dez letras eu tinha que lê-la parceladamente, isto é, eu não podia ver mais do que cinco letras de uma só vez; as outras cinco tinham que esperar sua vez até que recebessem os raios visuais para serem lidas.

Meu estado geral era calamitoso; eu sentia que a morte rondava ao meu redor e isto me produzia prazer.

Nunca tive medo da morte, mas naquele estado a idéia de morrer produzia-me uma reação muito agradável.

Minha amiga, e anfitriã, quis dar-me algum alimento; roguei-lhe, porém, que não o fizesse porque não tinha nenhum apetite; o que eu queria era dormir.

Ela, então, arrumou meus travesseiros, cobriu-me, despediu-se com um “até logo” e saiu, fechando a porta.

Cinco minutos depois, senti-me novamente fora de meu corpo físico.

Recomecei, então, a estudar meu corpo. Senti carinho para com ele, sem saber o motivo.

Contemplei-o por um instante durante o qual lhe agradei várias vezes por ter me alojado por tantos anos. Naquele momento eu não sofria nenhuma dor; ele era como algo alheio a mim depois de ter sido meu por muitos anos.

Não me detive por muito tempo em analisar as minhas sensações porque nesse estado o homem é como uma criança; atrai-lhe a atenção qualquer novidade.

Era de dia, mas eu via as coisas e os seres como os havia visto em meu sono durante a noite. Havia luz muito intensa, mas essa luz não provinha do sol; era uma claridade intensa em toda parte e que não procedia de nenhuma origem.

Sempre acontece comigo, e em mim, um fenômeno antes de entregar-me ao sono; creio que acontece também com muitas pessoas. No momento de entrar no verdadeiro sono e de perder definitivamente aquele estado de consciência, começo a ver, com os olhos fechados, nítida e claramente, determinadas paisagens com muita gente. Várias vezes tenho desenhado aqueles panoramas e aqueles semblantes completamente desconhecidos para mim. Muitos de meus amigos têm comprovado esses fenômenos na hora de dormir.

Novamente fui à janela e vi, com os olhos e como na noite anterior, uma multidão de seres naquele estado que descrevi anteriormente; mas vi também muitas pessoas com corpos físicos que passavam rapidamente pelo parque, atravessando os corpos gasosos dos seres que estavam ali sem que uns percebessem a presença dos outros.

Os vivos entravam na atmosfera daqueles seres, assim como o transeunte penetra na luz de um foco luminoso colocado na rua.

Quis estar novamente no parque, e este querer me levou lá; mas também novamente me dividi em três seres (em verdade não encontro palavras adequadas para descrever este fenômeno).

Eu senti que meu corpo físico estava deitado na cama; eu via — o que eu via? Não sei. Mas, meu segundo corpo luminoso estava na janela contemplando! Contemplando o quê? Perdoe-me. Ele estava em frente ao parque onde eu estava. Eu não sei o que devo fazer para que o leitor me compreenda.

Vou tratar de explicar com um exemplo, embora seja muito tosco:

Suponhamos, querido leitor, que você esteja enamorado e que se encontre muito longe de sua noiva; e em um momento de nostalgia retire de sua carteira o retrato da mulher amada e ausente; comece a contemplar aquela figura com ternura e afeição. Nesse estado pode-se dizer que você está em três lugares simultaneamente; no entanto, seu corpo físico está sentado e longe do ser querido; sua atenção está fixa no retrato; seu coração e todo o seu amor estão envolvendo o original daquele retrato. Desta maneira pode-se dizer que você é uma unidade, mas naquele momento se dividiu em três para satisfazer o desejo de seu coração.

Não sei dar mais explicações; direi somente que sentia meu corpo deitado e dormindo; meu outro corpo luminoso me esperava na janela; ao mesmo tempo eu estava no parque com a multidão. E assim eu estava separado e unido, ao mesmo tempo, aos meus outros corpos.

Um axioma de física afirma que dois corpos materiais não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo; porém milhares de vibrações e de notas musicais podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo; isto acontece, por exemplo, quando uma orquestra interpreta a Nona Sinfonia de Beethoven.

Daí podemos deduzir, ao falar do corpo físico e dos demais corpos invisíveis do homem, que devemos compreender a idéia dos diversos planos de existência.

A palavra “planos” para muitas pessoas significa capa cu superfície plana de substância material. Esta é uma compreensão errônea. Plano não é um lugar; é um estado de consciência, como alegria ou tristeza. Muitos instrumentos musicais podem lançar seus sons ao mesmo tempo e inumeráveis vibrações enchem o ar; sem embargo, quem está ouvindo

pode fixar seu ouvido em determinado instrumento e assim perceber determinadas notas. Nenhuma nota se perde porque todas se manifestam em volume orquestral no pequeno espaço do tímpano auditivo.

A natureza nos oferece outro exemplo: cada cor tem seu lugar na escala vibratória da luz. Por meio de um prisma de cristal podemos decompor a luz em sete cores. Todas as cores estão em cada ponto do espaço por onde passa o raio do sol e podem se manifestar pela decomposição da luz branca. Porém, existem, mais além do campo da visão humana, cores invisíveis por serem suas vibrações demasiadamente altas, ou baixas, as quais só podem ser percebidas por meio de aparelhos apropriados.

Na linha de um telégrafo podem passar várias mensagens, em vários idiomas, pelo mesmo fio, sem se confundirem umas com as outras. O ar pode estar cheio de radiogramas de tônicas diferentes, porque cada uma delas não anula a presença das outras, nem recebe seu influxo.

Do mesmo modo podemos conceber vários mundos ocupando o mesmo lugar no espaço, porém cada um com tônica vibratória diferente, de sorte que os seres viventes (e aqui está a solução do mistério), em um dos mundos, desconhecem totalmente a existência de outros seres que vivem com eles por causa da diferença vibratória.

Logo, os planos da vida representam graus diferentes de vibração ou de energia vibratória, mas não de matéria.

“A matéria, embora em sua mais sutil modalidade, é uma muito baixa modalidade de energia vibratória” (Ramacháraca).

Desta maneira compreende-se que ao falar dos planos de existência extraterrena que constatei fora de meu primeiro corpo, “o físico”, não se deve compreender que sejam lugares determinados.

Agora surgem milhares de perguntas como esta, por exemplo:

— Como descreves, então, um parque cheio de gente?

— Como apareces em uma janela? Etc, etc. Perdão, querido leitor.

Eu estou descrevendo, até agora, o primeiro plano de minha existência. Em minha vida física eu sempre olhava, por aquela janela, o parque e as árvores que estavam em frente de meu quarto. Assim também até este

momento não posso saber e nem explicar como saltei do sétimo andar ao parque onde contemplava aquela multidão de seres sem que eles percebessem minha presença junto deles.

Então é irrisório dizer: “descer ou subir”, porque eu me sentia no parque sem ter o incômodo de tomar o elevador, nem tampouco de descer pela escada. Sem embargo, eu me sentia embaixo e em cima ao mesmo tempo, e também deitado na cama.

Eu era como uma corda de violino que dá notas diferentes segundo a pressão aplicada à corda.

Então, a passagem de um estado a outro pode conceber-se como sendo uma troca de vibração da energia que anima todas as coisas.

Não posso explicar-lhe mais, querido amigo leitor; o fato é inacessível aos sentidos corporais, mas a mente o compreende sem palavras.

Este plano chamado “Plano Astral” pelos espiritualistas, ou “Luminoso” por São Paulo, parece ter, como comentamos, numerosos planos e sub planos que se estendem desde o mais próximo do mundo físico até mais além da percepção humana ou mundo espiritual; entre esses dois extremos podemos observar inumeráveis variedades de fenômenos e fases de existência.

Enquanto eu estava naquele estado tão raro e novo para mim, pareceu-me que via espectros e aparições de seres conhecidos que haviam morrido; porém, o mais curioso era a aparição de alguns animais. Também vi muitos seres vivos do mundo físico. Todos em geral tinham corpos luminosos, porém com luzes diferentes uns dos outros.

O que mais me chamou a atenção, naquele estado, foi o fato de que eu podia ver tudo detalhadamente, enquanto que aqueles que se encontravam ali, muitos deles não percebiam a existência de seus

vizinhos; às vezes quando se moviam, atravessavam uns aos outros, sem se darem conta disto.

Naquele estado eu distinguia o bom ou o superior do inferior pela cor. Os que eram bons segundo o conceito humano tinham cores nítidas, claras e brilhantes, enquanto que os grosseiros tinham cores sujas e confusas.

Parecia que minha vida naquele estado deixou de ser uma série de dias de consciência desperta e noites de esquecimento.

Naquele momento comecei a atuar e a me mover de um lado a outro porque possuía grande mobilidade e podia transportar-me a longas distâncias do corpo físico e do outro que estava na janela. O primeiro estava submerso no sono, o segundo vigiava o primeiro e o outro que se afastava dele.

Eu não posso definir e nem dizer nada de meu terceiro estado, mas posso descrever o que acontecia ao meu redor.

O estado astral ou luminoso tem muitos fenômenos descritos pelas e nas sessões espiritistas.

Aqueles que têm lido algo sobre a “quarta dimensão” podem entender alguma coisa das teorias formadas sob a base das matemáticas e da geometria no estudo dos fenômenos deste mundo chamado astral ou luminoso.

Parece que, quando o homem morre, ou quando dorme, entra imediatamente no mundo luminoso astral, assim como aconteceu comigo há apenas dois dias.

Eu agora pergunto a mim mesmo: Por que antes de minha enfermidade nunca tive consciência daquele estado?

Será que, quando o homem adoecer gravemente, pode aproximar-se do reino da morte e ver o que estou descrevendo nestas páginas? Assim deve ser, como veremos depois.

Segundo minha observação, vi que cada corpo físico flutua no mar astral que o envolve e enche toda a matéria física. Conforme disse antes, não há dois átomos que se tocam, e que o espaço entre dois átomos vizinhos é muito maior que o próprio átomo. O leitor pode ter uma analogia ao contemplar de noite as estrelas no firmamento. Cada astro está distante milhões de quilômetros de seu vizinho; no entanto, às vezes temos a impressão de que dois astros se tocam. Isto nos leva a perguntar: Serão as estrelas no firmamento glóbulos de sangue no corpo dos cosmos? Ou serão átomos no seio do infinito?

A ciência física sustenta e ensina que o éter interpenetra todas as substâncias conhecidas, desde o sólido ao gás mais rarefocado. Assim como o éter circula livremente entre os átomos e partículas da matéria mais densa, assim também a matéria astral interpenetra o éter e move-se livremente entre as partículas do mesmo.

Ao recordar-me destas lições esquecidas por mim há muito tempo, comecei a decifrar o segredo de que um ser que vive no mundo astral, assim chamado por causa de seu brilho, pois nele não há escuridão ou noite, este ser pode ocupar o mesmo espaço de outro ser, sem que sejam conscientes da existência um do outro, e nem se esbarram em seus movimentos; tudo se efetua pela diferença vibratória de um para outro.

Existe uma explicação muito simples para se entender o fenômeno. Neste quarto onde escrevo estas linhas, há luz, ar e calor, três elementos diferentes que não se estorvam entre si. Eu posso dar testemunho da existência desses três elementos, mas um cego pode constatar somente dois elementos, o calor e o ar.

Entre aquela multidão que se encontrava no parque, viam-se alguns seres formados de uma massa vagamente delineada, nebulosa e mal organizada, de cor escura e densa. Seu tamanho estendia-se em todas as

direções até 25 ou 30 centímetros rodeando o corpo. Em alguns seres aquela atmosfera era maior, enquanto que em outros, sua luminosidade era ainda mais ampla. É necessário um tomo completo para se descrever as cores que fluíam naqueles corpos; por agora basta dizer que em certos seres as cores eram grosseiras e borrentas, e, em outros eram luminosas. Parece que os antigos ao usarem a palavra “astral”, que vem de “astro”, queriam aludir à aparência luminosa da matéria que não se vê com os olhos físicos, e sim com os olhos psíquicos ou internos.

Então o corpo astral ou luminoso não só interpenetra o corpo físico durante a vida do homem, senão que, além de ter luminosidade, estende-se como nuvem ao seu redor, em todas as direções; a isto os escritores místicos e ocultistas descrevem em seus livros com o nome de “aura”.

Eram muito poucos os seres que estavam ali, que tinham extensa, aquela luminosidade áurica.

A porção central da aura forma o corpo astral, na qual se distinguem entre si os que chamamos mortos. A porção central da aura tem a mesma forma do que foi um dia o corpo físico, e se distingue com muita facilidade da atmosfera que a rodeia, é nem mais e nem menos do que a contraparte do corpo físico. Como disse, não somente o homem possui sua aura, mas também todo objeto físico tem sua contraparte astral; as pedras, os metais, têm sua porção astral que se projeta sobre suas superfícies. Dizem que o clarividente vê tudo isto, mas eu não sou clarividente; o que anoto aqui não é mais do que o estado que se aproxima da morte.

Outra coisa que me chamou a atenção foi ter visto um jovem conhecido, cujas pernas haviam sido cortadas; viveu vários anos e morreu. Naquela noite, eu o vi andando com as pernas perfeitas; passou ao meu lado; quis chamá-lo, mas ele seguiu sem olhar-me, ou, melhor, dito, sem nem sequer me ver.

Pensei nisto e recordei o que havia aprendido, isto é, que ao ser amputado um membro do corpo físico a contraparte astral não acompanha o membro físico amputado. Muitos como ele, depois da operação, continuavam com as mesmas dores nos membros já

amputados há anos. A medicina atribui a dor ao subconsciente; os espiritualistas explicam que a parte astral adquiriu o hábito de manter a forma do membro amputado, continuando a mantê-la por muitos anos depois da amputação.

Outra coisa chamou-me a atenção: noventa por cento daquela gente tinha aquela parte luminosa chamada astral em forma de ovo com a ponta dirigida para cima. Basta meditar um momento neste fato para se deduzir que no homem sem desenvolvimento, a parte inferior do ovóide tende a ser maior do que a superior; também isto nos faz perceber quão grotesco e inferior é o seu dono. Em muito poucos seres humanos daquela multidão ocorria o contrário, e ao examiná-los via-se que eram monjas, sacerdotes, professores e benfeitores da humanidade.

A primeira categoria daquela gente, isto é, os seres vulgares têm em seus corpos muitos graus vibratórios que lutam entre si numa louca confusão. Isto acontece como resultado de suas preocupações e emoções. Uma monja em meio àquela multidão tinha cinco cores em seu corpo luminoso e este era de uma beleza indescritível que atraiu minha atenção; no entanto, quando contemplava a outros seres daquela multidão, sentia-me cheio de inquietações e preocupações. Lembrei-me então dos mesmos efeitos que eu sofria em minha vida diária ao entrar em contato com pessoas pessimistas; e,... Como me esforçava para não me deixar contaminar pelas suas emanções áuricas.

Então compreendi que as pessoas pessimistas são portadoras de enfermidades contagiosas que podem fazer adoecer aos sãos.

Vi uma criança nos braços de sua mãe. Seu corpo áurico era tão formoso que me atraiu, e os segui; suas cores eram puras e brilhantes sem nenhuma mancha.

O que mais me horrorizou foi um homem que tinha uma aura relativamente sem cores; tive que fugir, embora eu tivesse a certeza de que ele não podia me ver, porque não vibrava como eu. Sua figura mostrava o infame que era.

Destes estudos em meu sono, capacitei-me do significado da auréola pintada ao redor da cabeça dos Santos; sua cor é geralmente amarela porque esta cor é a mais conspícua das cores do corpo astral.

Seguramente havia em meu estado aquele algo de fantasia ou irreal, o que vou relatar.

Enquanto eu vagava naquele parque minha atenção foi atraída para uma formosa flor. Cheguei-me perto dela e comecei a acariciá-la com ternura em face de sua beleza; neste estado senti que a flor correspondia à minha admiração e carinho para com ela.

Seguramente os animais respondem aos carinhos e ao afeto, mas nunca pensei que as plantas pudessem ter simpatia e antipatia. Por isto deduzo que todas as coisas existentes sentem o agrado e o desagrado.

Depois de muito pensar, cheguei a deduzir o seguinte: meu corpo astral, que não se afastava muito de meu corpo físico adormecido em seu leito, é uma verdadeira ponte entre a minha vida física e a mental; ele atua como transmissor de vibrações, tanto do físico ao mental quanto deste àquele; ele se desenvolve pela constante passagem de vibrações entre ambas as direções.

Devo explicar outro fenômeno: nesse estado não se ouve nenhum ruído e nem vozes; os seres comunicam-se por meio de pensamentos. O pensamento substitui a palavra e tem uma linguagem mais vasta e mais rica do que qualquer idioma conhecido. Os pensamentos podem ser elegantes, sedutores, atraentes, como também repugnantes. Cada pensamento emite uma cor ao redor da pessoa, segundo a índole do sentimento.

Vi entre aquela multidão uma mulher que estava orando, e vi saindo dela um foco de chamas de cores muito atraentes que se elevavam em forma de cone.

Constatei várias vezes que sempre em torno de cada indivíduo e, sobretudo, de sua cabeça flutuam certas formas como bolas que se

despreendem dele e se reúnem ao seu redor. Esta imagem se mantém assim por algum tempo.

Outro fenômeno: vi muitos seres pensativos que criavam pequenos retratos de uma ou várias pessoas. Essas figuras ou retratos tinham, às vezes, cores muito claras e nítidas, mas na maioria eram borrentas e incolores, sem forma clara.

Também vi por várias vezes que aquelas formas se manifestam sempre perto da cabeça da pessoa dona delas; em um dado momento se precipitam e se descarregam nela.

Outras vezes vi muitos seres humanos rodeados daquelas formas; eles atraíam a si outras formas iguais às suas, provindas da atmosfera.

Em outra ocasião vi uma mulher em oração, e, não obstante, flutuavam ao seu redor certas imagens obscenas. Ela estava ao lado de um homem, ambos nus; o mais curioso é que ela via e sentia que com eles havia um diabo que dançava e ria.

Parece que neste estado cada ser contempla o mundo de trás de seus próprios pensamentos e os vê coloridos.

Cada pensamento reagia sobre seu próprio pensador e o envolvia em suas redes como garras de um tentáculo.

O homem é o criador de seu mundo, disse um escritor, e parece que cada criação deve ter forçosamente sua forma. Os pensamentos dos homens são suas criações, que com o tempo aumentam em número e intensidade, chegando a dominarem sua mente e suas emoções de tal maneira que o homem prefere atender a elas em vez de criar outras. Assim se formam os hábitos que modelam o caráter; os hábitos são expressões externas da força acumulada, mãe do caráter.

Cada ser humano deixa atrás de si um rastro de formas de seus pensamentos. O homem é responsável quando toma essas formas nefastas e pensa maduramente nelas com prazer e em seguida as lança fortalecidas de novo. Por isto a religião proíbe pecar por pensamentos. As igrejas que não são freqüentadas por fiéis verdadeiramente devotos estão cheias de filas de cifrões e cálculos representados por operações

comerciais ou especulações de negociantes, com uma mistura de vestidos, jóias, chapéus, desejados pelas mulheres.

O homem sempre gosta de filosofar como estou fazendo agora, e por isto, estou- até este momento somente à porta da compreensão. Nunca morri conscientemente para poder descrever o estado dos mortos, e, no entanto, estou falando sobre o assunto como se fora o melhor conhecedor.

— “Vamos, acorda; é preciso comer algo para reparar as forças perdidas”, disse-me a Senhora Ana.

— Não tenho fome, respondi.

— Não importa; é preciso comer alguma coisa, disse ela.

CAPÍTULO TERCEIRO

O Terceiro Dia

Parece que meu estado físico não melhorou; deram-me vários remédios e me injetaram outros.

Minha amiga começou a preocupar-se; e eu sentia o seu temor.

Eu também, depois daquelas visões dos dias anteriores, tive a sensação de que meu estado de saúde era grave; eu preferiria ficar a sós completamente, como em uma cova, para receber a morte sem molestar e nem perturbar a ninguém.

Quão trabalhoso e complexo é um homem quando morre; carregá-lo, vesti-lo, trasladá-lo, enterrá-lo, e, para isso meio mundo é incomodado; no entanto parece tão simples colocá-lo na cova e lançar terra sobre ele.

Quis falar à Senhora dona da casa que me internasse em um hospital; mas, concluí que era inútil porque ela não consentiria.

Pensei muito nisto e na solução do problema.

Não quero morrer aqui, pensei, pois é muito desagradável para ela, mesmo agora, prever esse fato. Eu sofria de verdade por causa desse pensamento e...

E... eu estou num Templo Egípcio de muitos séculos passados; eu vestia uma túnica de linho branco; tinha a cabeça completamente raspada coberta com um capuz do mesmo tecido da túnica, mas nele estavam bordados vários signos e figuras; atado em minha cintura estava um avental triangular e no centro do triângulo estavam desenhados uma régua e um compasso; em uma mesa distante de mim havia um vaso do qual saía uma fumaça densa que parecia ser incenso; levava na minha

mão direita uma espada cujo punho era de marfim em forma de Cruz, e na mão esquerda carregava uma Cruz Ansata.

Nesse momento soou um gongo, e, antes de extinguir-se a última vibração do som, entrou uma jovem, seminua; seus seios estavam cobertos com um encharpe de tecido finíssimo que se estendia até ocultar seus órgãos sexuais.

Ela começou a dançar freneticamente diante do Altar; era uma dança provocante e excitante, ao som de instrumentos musicais que tinham semelhança com a cítara.

O Templo iluminou-se com luzes que vinham de lugares invisíveis, e em ambos os lados se destacavam duas fileiras de sacerdotes de pé em frente ao Altar. Era o Templo de Ra. Eu o reconheci. Reinava silêncio. Não se viam senão seres parados e com os olhos fixos naquela mulher que se movia ritmicamente no centro do fausto aposento ou Templo; as luzes iluminavam cada vez mais, e o brilho do ouro que se refletia nas paredes impedia a visão do teto e das paredes. Momentos depois, a dançarina se deteve no centro da Nave do Templo e começou paulatinamente dar voltas da esquerda para a direita até cair exausta de tanto esforço.

Então eu gritei:

— ANK ANU.

E tudo desapareceu porque me despertei do sono.

O despertar muito me contrariou porque não cheguei ao final da cena de meu sonho.

Depois comecei a reviver a cena; e qual não foi minha surpresa ao identificar a vestal bailarina do Templo, com minha amiga e enfermeira, a Senhora Ana Yara, enquanto que o Grande Sacerdote era eu mesmo.

Pensei uns momentos e disse a mim mesmo: Serão sonhos de um enfermo moribundo?

Novamente entro no mundo dos sonhos e me encontro com uma bela jovem perto de minha cama. No princípio não percebi meu estado e pensei que era uma visitante, e acreditei haver lhe perguntado:

— A quem busca senhorita?

Ela, sorrindo, respondeu, ou, acreditei haver escutado a voz que me dizia:

— Mandaram-me a ti para ensinar-te e esclarecer-te algumas coisas. Primeiramente devo dizer que neste estado não se escutam vozes como no mundo físico. PENSAR SE ESCUTA COMO FALAR. Desta maneira, quando se fala de conversar neste mundo não será por meio de palavras sonoras e sim por meio de pensamentos que são como palavras faladas. De hoje em diante deves reter o fato de que neste plano não há som nem palavra, e sim vibrações luminosas; mas aquele que entra recentemente neste estado ou mundo crê no princípio que está falando com a boca, mas em verdade são os seus pensamentos que se convertem em um meio de comunicação, e interpreta o pensamento dos demais em palavras. No mundo astral não se ouvem vozes nem ruídos e nem palavras; são as luzes que o homem emana de seu corpo de desejos que servem como meio de comunicação com os demais. Desta maneira, uma conversa no mundo físico, expressa nossos pensamentos por meio de sons e palavras, enquanto que no mundo astral se interpreta por luzes e cores. Para melhor concepção disto, intercalo aqui a tabela de vibrações cujos efeitos têm sido estudados pela ciência.

TABELA DE VIBRAÇÕES

N.º de vibrações por segundo	(Hz) Manifestações
De 1 a 15.....	Inaudível (infra-som)
“ 16 a 20.000.....	Sons audíveis
“ 20.000 para cima.....	Inaudível (ultra-som)
“ 30.000 a 2 bilhões.....	Eletricidade e ondas de rádio
“ 9 bilhões a 370 bilhões.....	Calor
“ 375 trilhões a 750 trilhões.....	Luz visível (vermelho ao violeta)
“ 760 trilhões a 20 quatrilhões.....	Raios ultravioleta
60 quintilhões a 250 quintilhões.....	Raios X e raios gama
“ 300 quintilhões a 750 quintilhões.....	Raios cósmicos
Muito além de 750 quintilhões.....	Vibrações do pensamento

Nesta tabela não se faz distinções entre ondas longitudinais (som), e as ondas transversais, para facilitar didaticamente o raciocínio.

Com este pequeno quadro já se pode entender mais ou menos o que te digo com respeito à vida depois da morte. Como tu sabes, na vida, o homem pode entender e ouvir todo som que não exceda a 20.000 vibrações por segundo; aqui se emprega a palavra com o som da voz.

Depois de morto ou no mundo astral não há sons e seu idioma é composto pelo alfabeto da luz. A luz tem Idioma, e o alfabeto da luz e seu idioma são muito mais ricos do que os do som.

Então perguntei:

— E se os mortos não nos escutam, e nós não os ouvimos, como podemos nos entender?

Ela, para satisfazer minha ansiedade, respondeu:

— Devo buscar o simil e, por exemplo, vejamos: tu tens a mulher amada na janela do quinto andar do edifício, e estás na rua com a disposição de ir para o trabalho; para despedir de tua amada junta teus dedos, leva-os aos lábios como sinal de um beijo, eleva a mão e sopra em direção à janela onde está olhando a mulher querida. Qual a interpretação de todos esses movimentos? É preciso vestir o fato com palavras para se compreender o seu significado?

A linguagem do pensamento no mundo do desejo ou astral é a luz colorida pelo desejo; no entanto, aquele que desenvolve o ouvido astral pode ouvir a longas distâncias.

Eu novamente perguntei:

— Se o homem depois de morto não pode ouvir, como pode ver luzes e entender por meio delas a linguagem dos demais?

— Para responder a esta pergunta, temos que entender que o homem é um ser composto de vários corpos; de início basta citar o corpo físico, o astral denominado o luminoso por São Paulo, e o mental. O corpo físico está composto de forma tal que seu ouvido pode perceber os sons que começam por 16 vibrações por segundo até 20.000, porém, mais além, o som é inaudível; mas, seus olhos podem perceber como disse antes (na tabela acima) 375 trilhões a 750 trilhões de vibrações por

segundo. Agora rogo-te que preste atenção: o homem, ao morrer, leva consigo os seus cinco sentidos, para não dizer os sete, porque isto nos conduz a outras explicações que não entram agora em nosso trabalho. Dos cinco sentidos que estão em seu corpo astral, utiliza a vista em primeiro lugar porque capta com mais facilidade as vibrações da luz. O ouvido astral capta também muitos sons longínquos, mas estes sons devem ser produzidos por agentes físicos; no entanto, o tato e o gosto estão completamente inutilizados até certo ponto.

Olha este homem que já não tem corpo físico e quer comer com seus filhos vivos.

Eu olhei e vi, como por encanto, o pai que tentava pegar o alimento. Era-lhe impossível porque suas mãos não podiam pegar a colher e o pão; por fim meteu sua língua no prato, mas foi inútil o seu intento; no entanto, ele via os filhos comerem.

— Em resumo — continuou a mulher — o mundo astral ou dos desejos tem sete etapas. A sétima etapa do mundo físico confunde-se ou está ligada à primeira do mundo astral. Assim quero fazer-te entender que não ocorre uma mudança repentina no homem quando ele morre; ele se mantém e acredita-se igual depois da morte; ele se crê exatamente como era antes, embora não tenha mais o seu corpo físico. Continua com a mesma inteligência, a mesma disposição, o mesmo caráter, os mesmos vícios e virtudes. A perda do corpo físico não o converte em um ser diferente. Deixar o corpo físico é como tirar a roupa para entrar no banho. As condições em que o homem se encontra no mundo astral são suas próprias criações, filhas de seus pensamentos e desejos. Não existe recompensa nem castigo decretados por um ser alheio, e sim somente existem os próprios atos, palavras e pensamentos que vêm ao encontro do ser que entra no mundo astral. Há mais: as manifestações e movimentos do homem neste mundo são iguais às do físico. No mundo astral, luta-se, odeia-se, ama-se. O sofrimento e a felicidade se tocam com suas vibrações, sem que seus progenitores percebam este fato; tudo isto ocorre por meio da vibração da luz e do calor. Por último te direi

que todo pensamento preciso produz dois efeitos, como veremos no decorrer destas práticas, a saber:

1º — uma vibração radiante e

2º — uma forma flutuante.

É desta maneira que os mortos se entendem no mundo astral.

A vibração radiante tende a produzir pensamentos da mesma índole dos que deram origem à vibração.

A mulher, depois de um momento de silêncio, disse:

— Com razão tu me dirás que, se depois da morte não há palavras faladas, então como eu te falo neste estado?

— Efetivamente eu estava pensando nisto.

— Pois saiba que até agora não estás morto e terás que viver até terminares determinadas tarefas que prometeste cumprir. Minha linguagem contigo é a linguagem que vai entre o último plano do astral e o primeiro do físico. Devo falar-te com palavras até que aprendas o idioma colorido do mundo luminoso ou astral. Tu estás neste estado como quando sonhas com uma pessoa que te fala e tu lhe respondes; no entanto, em sonhos não articulamos palavras ou frases. Pois bem, devo começar por falar-te em sonho até ensinar-te a linguagem da cor e da luz.

— Olha!

A cena mudou e comecei a ver seres humanos diante de mim que desfilavam como que movidos por um poder automático.

— Olha! Voltou a dizer: o que sentes diante deste ser coberto com nuvens negras? Eu, sem pensar, respondi:

— Ódio, malícia.

— Muito bem; e este vermelho?

— Cólera.

— E este escarlate?

— Irritação.

— E este escarlate brilhante?

— Cólera nobre e indignação.

— Como interpretas este vermelho sanguíneo desta mulher?

— Sensualismo.

— Magnífico; parece-me que tens um sentir mais desenvolvido do que eu pensava.

— Acaso não tem você a faculdade da clarividência?! Exclamei.

A jovem riu fortemente e perguntou-me:

— Podes explicar-me o que é a clarividência? Eu tive vergonha da minha pergunta, e disse:

— Estou no mundo da clarividência, e, no entanto, lhe dirijo esta pergunta estúpida.

Ela, então, me disse: — Não te preocupes; todos nós no início medimos o mundo astral com a medida física. Pois bem, teus trabalhos na pintura abriram teu centro de percepção com relação à cor; agora vamos a outro trabalho. Olha este homem. Como o analisas?

Depois de pensar um momento, respondi:

— Pelo resplendor e pela ondulação que tem, parece-me ser um indivíduo alegre e contente.

— Vais muito bem; marchas rapidamente.

— Diga-me, amor...

Minha frase foi cortada com uma gargalhada que eu senti ser, como dizemos no mundo dos vivos, estrepitosa, a ponto de me aperrear. Em seguida, ela disse:

— Trate de não profanar outra vez esta palavra divina. Amor é Deus e Deus é Amor.

— Você tem razão; isto aconteceu porque ainda sinto que meus pés estão no mundo físico.

— Não te culpo porque muitos seres humanos que estão aqui há anos, continuam procedendo como no mundo físico... Agora vamos continuar o estudo, porque tu deves vir para cá com conhecimento prévio de causas, posto que aqui te espere muitos trabalhos. Olha as pessoas que desfilam diante de ti; estuda suas emoções áuricas, e eu verei se sabes interpretá-las ou não, e então, te demonstrarei se sou ou não clarividente.

Ao dizer isto, riu novamente; e eu me envergonhei. Assim, passaram diante de mim vários seres humanos com suas cores as quais são expressões- sem palavras de seus sentimentos, paixões e emoções. Tudo era para mim de fácil interpretação. Ela, então, me disse:

— Agora tens que aprender a linguagem dos sentimentos para poderes trabalhar em nosso mundo. Olha! A surpresa agradável manifesta-se pelo resplendor intenso. A surpresa desagradável, pelo resplendor marrom. O afeto, pelo rosa. A devoção pelo azul. Todas as cores puras são vistas na parte superior do corpo astral, enquanto que as impuras e egoístas sempre estão na parte inferior do corpo; agora já podes distinguir o homem desenvolvido do não desenvolvido. Cada qualidade se manifesta por uma cor, como estás vendo, e possui um tipo especial de matéria astral. O princípio geral é que as qualidades malignas se expressam em vibrações lentas e com matéria grosseira que não tem um brilho puro, enquanto que as qualidades boas e abnegadas se manifestam com brilho puro. As emoções boas duram por mais tempo do que as más. Com estas instruções poderás distinguir os vários tipos de homens. Aqui debes saber uma coisa muito curiosa: para os dementais as cores são inelegíveis como as palavras o são para os homens. Os animais sentem profundamente os desejos inferiores dos homens, e amam aos carinhosos e caritativos.

Estás agora trabalhando em teu corpo astral, que é a verdadeira ponte entre a vida física e a mental. Depois da morte, a consciência se recolhe no corpo astral e assim a vida física e a mental. Depois da morte, a consciência se recolhe no corpo astral e assim a vida pode continuar neste plano, variando em intensidade e duração, como depois hás de comprovar por tí mesmo.

Adeus! Agora tenho o que fazer em outro estado; voltarei depois; e se foi, assim como veio.

CAPÍTULO QUARTO

O Quarto Dia

O dia passou entre medicamentos, injeções na veia e sonos entrecortados.

Minha amiga continuava preocupada, e eu continuava em um estado hipocrático entre o sono e o despertar. Eu queria dormir longos períodos de tempo para viver naquele mundo, mas nem sempre se pode realizar todos os desejos. Eu tinha medo de perder minhas visões; por tal motivo fechava os olhos, aquietava minha mente e, então, voltava a penetrar naquele estado já descrito.

Eu queria saber mais e mais; minha Guia e Instrutora não podia vir a não ser durante o período de um longo sono. Aprendi muitas coisas naquelas curtas letargias. Em curtos segundos via e desenvolvia certos trabalhos que, se quisesse escrevê-los, seriam necessários vários volumes. No espaço de dois minutos tive um sonho que não sei relatar a não ser em um livro somente para esta finalidade.

Quando a noite chegou e dormi, minha guia apareceu como por encanto e, sem preâmbulos, foi dizendo:

— Todo pensamento precisa de dois fatores: uma vibração radiante e uma forma flutuante. A vibração radiante leva consigo o caráter do pensamento que estimula o sentimento. Agora te recomendo que penses em uma rosa.

Eu pensei. Ela continuou:

— Olha como flutua perto de ti em frente aos teus olhos; veja como está se desvanecendo porque teu pensamento se debilitou. Depois aprenderás a chamar as pessoas e os seres queridos por meio do pensamento. Calou-se e depois disse:

— Não, agora não! Tenho que terminar contigo, e não tenho tempo para deixar-te fazer passatempos.

— Chama-se passatempo aqui o desejo de se ver a um ser amado?

— Não, mas é preciso ser médico para receitar e auscultar e dar o remédio corretamente.

Eu me calei e ela continuou:

— Aqui tens que aprender três coisas importantes para poder tirar proveitos de teu trabalho, a saber:

1º — aprender a qualidade do pensamento pela cor;

2º — decifrar a ação do pensamento pela forma;

3º — interpretar a precisão da emoção pela nitidez da forma.

O homem é a vítima de seus pensamentos. O pensamento tenta o ser humano e ele crê que é o diabo que o está tentando; a reflexão prolongada sobre o diabo cria um demônio de imenso poder. Esses demônios criados pelo homem podem durar muitos anos e possuem o poder que lhes foi atribuído. Todas as coisas são vistas através do cristal em que são olhadas; e assim, a forma mental produzida por uma pessoa reage sobre ela mesma. Por isto deve-se retirar da mente a idéia do demônio histórico e de seu poder sobre o homem porque ele não é mais do que uma forma mental criada e sustentada pelo pensamento que reage sobre seu próprio criador.

O homem é a vítima de suas próprias idéias e fantasias e, ao mesmo tempo, ocasiona perturbações aos demais. Suas idéias formam seus hábitos, e os hábitos criam o caráter. Agora vamos praticar um pouco. Olha este transeunte; o que vês nele?

— Ele deixa atrás de si um rastro de formas.

— Estas são as formas mentais do pensamento. Agora olhe este outro.

— Uma mulher o encadeia com seus raios.

— É seu pensamento naquela mulher que dá a ela o poder de agarrá-lo. Por isto fica comprovado que o homem não é responsável pelos pensamentos que flutuam e se introduzem em sua mente; mas, sim, é responsável quando os recolhe e se apropria deles para gozá-los, e em seguida lançá-los novamente mais fortalecidos. Vamos agora entrar nesta Igreja. O que vês?

— É incrível! Não é uma Igreja.

— Sim, o é; porém, o nível de devoção nela é baixo e por isto nela não flutuam senão cifrões, cálculos de operações comerciais e desejos pessoais inferiores. Olha as mulheres; elas rezam no rosário e criam formas de vestidos e modas de chapéus. Olha! Agora o que vês?

— Esta mulher lança a forma mental de um colar de pérolas dirigida ao marido que está no banho. A forma flutua ao redor da cabeça dele; o marido tem a mente ocupada pelos negócios...; a forma persiste...; a mente do homem se aquietou...; a forma do colar entra nela...; ele pensa em sua mulher.

— Olha este jovem.

— Que sujo. Dele saem bolas da cor do esterco.

— Olhe aonde elas vão.

— A esta bela mulher, mas não chegam a ela. Flutuam por um momento e voltam ao seu emissor. Agora compreendo a máxima do Essênio: “A maldição e a bênção voltam ao seu emissor”.

— Pois bem — disse ela — a mente e o coração puros são a melhor proteção contra todo pensamento e sentimento malignos. Por outra parte, uma forma de amor dirigida ao ser amado atua como anjo de guarda que o protege em toda oportunidade.

Depois de um momento de silêncio, ela continuou:

— Desde ontem sentes uma ânsia e queres ver a duas pessoas; vou levar-te a elas. Olha!

— Eva! Gritei.

— Jorge! Exclamou a mulher.

Corri a ela para dar-lhe um beijo; abri os braços para abraçá-la, mas que decepção. Naquele estado não se tem boca e nem braços que possam sentir os efeitos, como no corpo físico.

As duas mulheres riram, e Eva falou:

— Meu amor, agradeço-te muito e muito; teu amor foi como agente protetor e me resguardou; sempre me defendeu e me fortaleceu. Como sou feliz porque te amo! Agora. “Ila eleca”, disse, e desapareceu.

Então, outra jovem surgiu em seu lugar. Era Astarouth.

— Adônis meu Deus, estou muito feliz e sempre te vejo. Eu te espero meu Deus para reatar nossos encontros. Teu amor abriu-me as portas do céu. Agradeço-te. E ao dizer isto, envolveu-me com suas radiações áuricas, e desapareceu.

Eu não lhe disse nem uma palavra.

Ela continuava igual como foi em vida física: “vive para amar”, enquanto que Eva “ama para viver”.

(Para compreender esta cena, o leitor deve ler meu livro intitulado: “*Adonay*”.)

Minha companheira reatou a conversa e disse:

— Tive que atender aos teus desejos porque assim já podes servir melhor à Obra. Estas duas mulheres foram teus anjos de guarda; sempre pensam em ti e seu amor tem sido tua defesa em muitas ocasiões. O pensamento amoroso puro é o anjo protetor do ser ao qual é dirigido, assim como são os pensamentos da mãe para seus filhos. Já temos visto como o pensamento toma forma, e em algumas ocasiões, se materializa ficando fisicamente visível. Desta maneira se compreende que o pensamento de amor cheio de ânsias de uma pessoa dirigido a outra age como anjo de guarda.

Em seguida, disse-me:

— Vem olhar tua amiga, e verás o que ela está fazendo.

Nesse momento vimos a Senhora Ana que com formas mentais construía casas rodeadas de jardins.

— Posso dirigir-lhe uma pergunta?

— Vamos, diga.

— Qual a ligação que eu tenho com esta mulher?

— Uma vez a livraste da fúria dos sacerdotes e outra vez da fúria da corte: foste com ela para a selva onde a deixaste para salvá-la; ali ela viveu até a morte do Rei; então voltou, mas tu já estavas deste lado da vida. Algum dia saberás quando e onde.

Agora vamos a coisas mais interessantes e deixemos essas minúcias. Lembra-te e te capacites do poder e da responsabilidade do pensamento. Teus pensamentos atraíram Eva e Astarouth; por meio dos pensamentos podes te converter em santo ou criminoso; podes ajudar a Deus na evolução do Cosmos. Os pensamentos e os fatos impregnam as coisas e as habitações com suas vibrações. O punhal de um assassino leva em si a vibração do crime à mão que o agarra, mesmo depois de muitos anos. Olha este homem.

Logo em seguida o homem lançou uma carga de pensamentos saturados de sentimentos negros de ódio contra uma pessoa que estava sentada escrevendo; mas aquela força não o atingiu e se converteu em uma espécie de demônio que voltou ao seu progenitor.

— Nas tribos selvagens abundam os elementais que se convertem em deuses familiares; uns são benignos e se contentam com oferendas de frutas, arroz e flores; há outros, porém, que pedem sangue e até sangue humano.

Agora quero dizer algo desconhecido para todos que não tiveram uma educação espiritual:

Os elementais e os elementários são filhos do próprio homem que os criou. Um pensamento cheio de energia e concentração fenomenais, seja uma bênção ou uma maldição, evoca a existência de um Elemental que será como um instrumento de descarga para lançar o bem ou o mal segundo as intenções de seu criador. Esses elementais são os demônios das religiões. No mundo físico o pensamento do arquiteto cria um edifício. O homem santo cria um anjo; o malvado gera um demônio com suas respectivas formas. Os sentimentos raciais, patrióticos, religiosos, etc. convertem-se em formas mentais ou elementais que produzem no homem os sentimentos nacionais e raciais que danificam as mentes

humanas com prejuízos, e desta maneira criam no mundo a separatividade entre as nações com o título de patriotismo, nacionalismo, raças, etc. e os homens atuam como marionetes e reproduzem automaticamente os pensamentos que lhes chegam, e assim são formados os partidos, as nações, etc. Isto se denomina a consciência coletiva.

Olha aquilo. O que te inspira?

— Horror. É uma guerra.

— É o pensamento de um só homem que deseja conquistar o mundo. Olha agora.

— É a guerra entre os pensamentos ou as formas dos pensamentos.

— Efetivamente; e as formas de cor celeste estão triunfando. Aqui também há guerras como no mundo físico ou, melhor dito, aqui começam as guerras e os crimes para depois se manifestarem no mundo físico. Então, tudo começa pelo sentimento que amadurece no pensamento e se manifesta pelo ato físico.

Olha este homem. O que vês nele?

— Vejo que dele saem longos ganchos que se cravam em uma caixa-forte.

— Pois bem, este é o egoísta que cobiça, e cuja cobiça o induz a roubar a fortuna de seus irmãos. Olha como seu pensamento move-se em curva fechada e assim volta e se descarrega em seu próprio nível.

Contempla agora o sentimento desta mãe.

— Seu pensamento vai em curva aberta e não volta, e sim penetra no infinito; mas... Que coisa rara... Converteu-se em canal imenso por onde flui algo superior para o inferior.

— Efetivamente é o caso da crença em uma oração atendida. Tenha em conta o seguinte: no superior existe uma fonte infinita de força, pronta para fluir desde que se lhe proporcione um canal. Este canal é o pensamento de devoção altruísta. A resposta é sempre a descida da Graça Divina. Esta Graça fortalece e diviniza o construtor do canal e flui ao seu redor uma poderosa influência para ajudar a humanidade. Assim se formam os santos e bem-aventurados de todas as religiões. Agora

olha este santo em meditação; ele está ligado a uma linha de luz terminada em uma flor radiante. Esta foi a origem do costume de adornar os altares e oferecer flores no culto religioso.

— O que significa esta cobra amarela que emana da cabeça deste homem?

— É o desejo de saber; o que tem a cor parda escura indica sentimentos rancorosos. Olha o efeito da ira. Quando o vulgo diz: fez-se vermelho de raiva, devia ter visto a aura de uma pessoa colérica. Aqui temos várias pessoas unidas em pensamento e orando pela saúde de um enfermo. Vamos ver o doente para o qual pedem saúde.

Em uma luxuosa cama via-se um homem deitado; estava em estado grave. Os médicos o rodeavam e consultavam-se. Por fim optaram em lhe aplicar algumas injeções; e o fizeram. Enquanto isto e neste ínterim, chegaram ao doente uns raios luminosos de cor azul-verde; em seguida as cores se tornam verde-maçã brilhante; instantes depois o doente reagiu. Os médicos, que não esperavam aquele resultado, moveram suas cabeças e alguns deles disseram que tinha havido um milagre.

Antes de deixar-te esta noite, devo dizer-te que o estudo das formas mentais faz compreender, aos que querem rasgar os véus da natureza, as tremendas responsabilidades que contraem com o emprego das faculdades psíquicas. Os pensamentos não só são coisas, senão causas de uma força ingente. Com o pensamento pode-se ajudar em todos os casos, enquanto que em muito poucos casos pode-se ajudar fisicamente. O pensamento sempre produz um resultado definido, e é dever de todo homem utilizar este poder para ajudar a Deus a impulsionar o plano da evolução.

CAPÍTULO QUINTO

O Quinto Dia

Não é mais necessário dizer que diariamente o médico vinha e me injetava um novo invento que eu comparava, segundo a descrição dos efeitos maravilhosos que produzia, com o *Lago de Syloé*, onde Jesus, o Cristo, enviava seus doentes para que se banhassem a fim de ficarem curados.

Na casa daquela Senhora que me cuidava como mãe não me faltava nada. Tinha uma atenção esmerada para comigo. Mas eu sofria mentalmente porque sentia que lhe causava muitos incômodos e trabalhos. Que Deus lhe pague por mim, posto que eu muito pouco possa lhe recompensar pelo cuidado e afã que empregou para minha cura.

No quinto dia tive muitos lapsos de vidência. Às vezes via minha jovem guia ao meu lado ou me via ao lado dela, não posso saber como. Eu tinha grande desejo que a noite chegasse para religar minhas visões. Ao anoitecer eu disse à minha amiga: Hoje quero dormir mais cedo; ela então fechou a porta do quarto às oito horas da noite.

Acomodei-me e comecei a analisar o meu estado. Aquilo eia sonho o que eu experimentava ou eram visões de um doente grave? Seja como for, agradava-me muito, e quisera viver sempre neste estado.

— Não chegou ainda a tua hora para estares definitivamente conosco, falou minha guia. Tens muito que fazer em teu mundo físico. Este teu estado foi e está sendo provocado intencionalmente para uma finalidade que está se realizando. No tempo atual são necessárias certas instruções e detalhes mais perto da razão e da verdade. Foste escolhido

não por merecimento e sim porque estás apto. És um instrumento dócil nas mãos de certos seres que trabalham pelo adiantamento espiritual do homem. És agora como um lápis o qual um dia agarrarás para escrever estes fatos e nada mais. Não te vanglories demasiadamente; és um lápis.

— Perdoe-me, querida guia, que eu a contradiga por esta vez. Eu não sou um lápis. EU SOU Deus em forma corpórea. Com muito prazer obedeço e faço a vontade superior, mas em meu juízo completo e não como um autômato, como um lápis. Obedeço em tudo, mas eu quero também ter fé e razão de que contribuí na obra.

A mulher me olhou sorrindo e senti seu carinho e amor. Depois ela disse:

— Não me equivoquei ao pedir que me enviassem a ti. Tu me proporcionas muita felicidade.

— Como? Aqui neste mundo não é o mundo da felicidade?

— Tu vais comprovar por ti mesmo. Agora vamos estudar.

— Uma pergunta: Quem é você para mim? Ela sorriu e disse:

— Neste mundo existe também a curiosidade; pois bem, quando chegarmos a sub planos superiores tudo te será esclarecido; sem embargo, por agora te direi que eu fui, em tempos idos, uma amante tua. Não me perguntes mais porque não responderei.

Quis rasgar o véu do passado, mas não pude desvendá-lo.

Ela continuou:

— Um corpo físico bem nutrido é um estorvo para os trabalhos internos. Fui enviada a ti porque atualmente teu espírito domina teu corpo e assim podes relacionar-te com o mundo astral, Teu corpo astral está refinado; os exercícios que praticavas e a vida que levavas permitem que ele responda facilmente às aspirações mais elevadas. Não é possível ter um corpo físico tosco e poder organizar um corpo astral e um corpo mental para fins elevados e mais refinados. Os ascetas e os ermitãos conheciam estas verdades e se nutriam com alimentos puros como frutas e vegetais. Agora vou te dizer o motivo de tua grave enfermidade: tu trataste de despertar tua consciência superior e seguias, de uns tempos para cá, com teus esforços, porém relaxaste em matéria

de alimentação ao comer e beber de tudo e até beber de vez em quando nas reuniões; desta maneira teu corpo físico voltou a encher-se de partículas impuras; então, a frequência adquirida pelos teus exercícios respiratórios tinha que descontrolar as funções de teu corpo físico. Ao despertar da consciência superior em ti, teu corpo estava mal alimentado e impuro. Felizmente tua glândula pituitária não foi afetada. Como tu sabes, o álcool origina visões anormais nos doentes de “*delirium tremens*”. Praticaste boas ações em tua vida e por isto elas te defenderam e não deixaram que certas entidades se aproximassem de ti durante tua debilidade física e mental. Então, eu pedi para vir a ti e cuidar para que faças algo em bem da humanidade. Aquele que quer tomar álcool, café, carne, etc. não deve praticar exercícios respiratórios como fazias. Tua o sabias muito bem, mas fizeste como o médico que maneja os micróbios e que de tanto manejá-los perde o medo do contágio; porém, em um momento de descuido, os micróbios o agarram como fácil presa e o fazem pagar caro. Felizmente os ruídos físicos já não te afetam, pois onde moras eles podem até adoecer a uma pessoa sã; por este motivo teu corpo astral, apesar de ser sensitivo e refinado, não se torna irritável neste meio ambiente cheio de ruídos. A prática de curar a teus doentes gratuitamente salvou-te nesta enfermidade. Cada atividade mental está registrada no corpo de desejos; se é de má qualidade, suas vibrações são registradas na parte inferior do corpo físico, assim como as de boa qualidade se estampam na sua parte superior.

Como vimos, a matéria astral responde mais rapidamente do que a física aos impulsos provindos da mente.

Olha esta pobre mulher; ela tem um corpo astral que responde facilmente aos maus pensamentos; é um ímã de pensamentos afins aos seus.

Agora contempla esta outra; todos os maus desejos chocam-se contra sua couraça áurica e retrocedem.

Toda pessoa que está continuamente de mau humor é vítima de influências astrais emanadas por seres vivos ou espíritos descontentes.

Olha esta nuvem de diversas figuras; é o resultado de pensamentos e emoções dos homens. Estas nuvens chocam-se com os homens e os fazem vibrar em seu ritmo. Grande parte do mau humor das pessoas é devido a essas influências.

Aqui temos um homem que está em busca de simpatia com a esperança de encontrá-la em alguém de sua família ou entre amigos.

Aqui está um outro em estado de cólera. Olha como se apodera dele aquele outro que morreu de um ataque de raiva.

Nunca se deve entregar à depressão de ânimo porque este estado impede a melhora da saúde, assim como dificulta o progresso espiritual. Sabes por quê? É porque a depressão significa egoísmo de uma pessoa que pensa em si mesma mais do que na Obra do Bem Geral. O homem preocupado e o pessimista não sabem ir ao “Céu”... Dizia um Mestre entre nós. Agora vou te levar ao departamento dos Anjos. Olha! Os Anjos de Guarda eram mulheres e homens; cada um deles cuidava de um, dois ou mais seres humanos, insinuando-lhes bons desejos e boas obras. Temos de estudar este assunto em outro dia.

Agora vou te ensinar um método que te servirá como uma couraça contra os agentes dos inimigos do bem neste mundo.

Quando quiseres meditar, ajudar, curar, orar, e não queres ser interrompido por pensamentos alheios, forma ao teu redor, por meio do pensamento, uma aura couraça que impeça a penetração de idéias, desejos e vibrações flutuantes no mundo dos desejos ou astral. Toda pessoa que quer verdadeiramente orar deve usar este método, a fim de evitar que penetrem em sua mente as vibrações de ordem inferior. Esta couraça bem formada é também uma proteção contra toda enfermidade e faz com que o homem fique imunizado. Os médicos usam inconscientemente este poder.

Todo impulso enviado pela mente ao corpo físico passa pelo corpo astral ou alma no qual produz seu efeito. A mente pura e desenvolvida limpa e desenvolve a alma ou corpo astral. Nunca se deve matar o desejo, conforme alguns ensinam, e sim se deve governar o desejo por meio da razão.

A humanidade até hoje vem se dedicando em desenvolver o desejo e a emoção; o super-homem desenvolve o intelecto.

Agora bem, antes de entrares no sono o que vês?

— Quando presto atenção, vejo com os olhos fechados muitas pessoas, mas não demoram muito diante de minha visão astral; umas pedem ajuda, outras choram e outras riem; todas desfilam paulatinamente diante de mim.

— Assim já deves saber da enorme carga que será colocada em teus ombros. Foste escolhido como um simples trabalhador na vinha do Senhor. Todos os teus irmãos serviram de degraus para chegares até aqui; deves, antes de tudo, agradecer, e em seguida agir.

— Eu desejaria dirigir-lhe uma pergunta: todos os livros dizem que o corpo astral viaja a longas distâncias. Por que meu corpo astral não sai do quarto?

— Tu e outros que têm escrito sobre este assunto estais sob uma ilusão; se queres, dar-te-ei uma prova. Vou levar-te ao teu país natal. Olha! Já estás?

— Sim, aqui está a casa onde nasci; ali está a Igreja de São Jorge, onde eu, na infância, fazia as minhas orações.

— Está bem. Agora olha teu corpo físico dormindo em uma República da América e teu corpo astral ao lado.

— Sim, efetivamente, vejo os dois. Será que neste mundo não há dimensões?

— É a pura verdade. Aqui não existem distâncias segundo o conceito físico; aqui se mede por... Não sei como dizer-te... Por planos? Não será uma expressão exata... Eu creio que devo dizer-te: por vibração. A idéia de caminhar em corpo astral e de viajar nele a longas distâncias assemelha-se ao voar em sonhos. O homem em sonhos sente que está caminhando como o faz em corpo físico; quando se desperta sente-se fatigado como se houvesse andado grande distância a pé. Depois da morte não acontece mudança repentina. O homem sente-se igual como antes de deixar o seu corpo físico. Alguns casos há em que o falecido, no começo, crê que ainda está no corpo físico. Pois bem,

depois de morrer continua possuindo a mesma inteligência, os mesmos vícios e as mesmas virtudes. Com a perda do físico, ele não se transformou em outro ser. No princípio sente que para ir de sua casa ao trabalho tem que ir a pé; mas quando se dá conta de seu estado, aprende o novo método de pensar em que no mundo astral não existe o velho método de caminhar a pé; aqui todos somos verdadeiros democratas; todos temos um só método ou modo de locomoção que é o desprendimento astral praticado pelo desejo que atua sobre a mente.

— E o que faz o corpo astral durante o sono do corpo físico?

— Descansa como o faz o corpo físico. Olha o teu como está imóvel perto da janela.

— Acaso o corpo astral se cansa como o físico?

— Nem mais e nem menos. O corpo físico se cansa não somente pelos esforços musculares, mas também pelos pensamentos e sentimentos. Para recuperar a energia perdida pelo trabalho e pelo pensamento necessita de sono longo ou curto segundo cada indivíduo e o caso. O corpo astral também se cansa muito rapidamente devido ao trabalho pesado de mover todas as células do corpo físico, bem como as partículas do cérebro; por isto precisa ficar separado do físico durante horas, para recuperar as forças perdidas; com novas forças recomeça o seu trabalho. Existem certos seres que não sentem fadiga; trabalham, às vezes, muitos dias sem dormir ou dormem pouco tempo; mas esses são raros.

— No entanto podemos dizer que não é o corpo astral que se cansa, e sim o organismo físico pelo qual a emoção se expressa.

— Está muito bem; porém, um organismo fatigado é um mau instrumento do astral. Algo similar sucede com o corpo mental no qual estás trabalhando agora. Quando a fadiga cerebral vem, a gente diz fadiga mental. Nada há que faça a mente se fatigar. Portanto, enquanto o homem dorme, o corpo astral está perto do físico porque a maioria das pessoas tem muito pouco desenvolvimento espiritual. O corpo astral dorme também como o físico, na maioria das pessoas, porque sua

consciência astral é muito limitada; às vezes tratam de se afastar um tanto do corpo adormecido, e então se despertam aterrorizados.

— Com estes ensinamentos se derrubam todos os livros que ensinam e descrevem as viagens astrais apregoadas pelos ocultistas e seus discípulos.

— Efetivamente, mas preciso esclarecer-te algo mais sobre o assunto. Somente o Mestre é quem sabe e pode manejar-se conscientemente em corpo astral. Como? Não sei. Tudo o que posso dizer-te é que o homem evoluído forma seu corpo astral com partículas diferentes e se torna visível em vários lugares no mesmo momento. Ele não está nunca inconsciente quando seu corpo astral se separa do físico. O seu corpo astral é um veículo que tem a imagem de quem o ocupa e é muito mais cômodo do que o físico. O Mestre e os verdadeiros discípulos são os únicos que podem trabalhar conscientemente em corpo astral muito mais do que no físico e com maior poder. São os únicos que podem se afastar do físico com extraordinária rapidez e a qualquer distância. Cada um pode se reunir e trocar idéias com seres encarnados e desencarnados que vibram na mesma tonalidade.

Olha teu corpo astral. Até o momento não se pode tomá-lo como um exemplo de pureza nem de beleza. Perdeste muito de teu tempo em coisas inúteis deixando abandonada tua verdadeira evolução. Eu não vejo em ti muito mérito para que fosses escolhido.

Respondi com tristeza:

— Talvez as messes são muitas e os trabalhadores são poucos; por isto fui escolhido.

— Talvez. ELES sabem por que o fazem.

Houve um silêncio durante alguns segundos no relógio do físico.

Depois ela continuou:

— Olha! Aqui também se aprende como no físico. Estas pessoas estão reunidas para ouvirem a palavra de um Sacerdote. Aqui está outro grupo que estuda medicina. Ali estão orando em uma Igreja; estes em uma Mesquita. Este homem está dominado pela sua paixão e se torna louco ao pensar que não pode casar-se com sua amada, mas, quando se

desperta de seu sono, domina-se. Aqui se podem aprender coisas que nem sequer foram sonhadas no mundo físico. Os seres adiantados que sabem viajar em astral dão a volta ao mundo em poucos minutos. Deve-se ter em conta o seguinte: Não quero dizer que o homem não possa atuar à vontade em corpo astral, senão que foi acostumado a atuar somente impulsionado pelas impressões recebidas do físico. Por isto te foi dito antes que somente os seres adiantados podem agir à vontade no mundo astral. Explico-te tudo isto porque é necessário que o saibas antes de te dedicares à Obra. Quando estiveres curado e são, tens que trabalhar muito e desenvolver determinados assuntos tão logo te sintas capaz de fazê-lo; em alguns, o trabalho poderá tomar de ti todas as horas de sono. De hoje em diante tens que persistir em teus esforços a fim de vencer todo entrave. Já sabes como agir. Trata sempre de te despertares em corpo astral sempre que estejas dormindo. As messes são muitas, como disse Jesus; necessita-se de muitos auxiliares no plano astral. Os Mestres estão ocupando até as crianças que possuem as condições adequadas e requeridas. Aqui triunfam o Amor e a Caridade. Pode-se facilmente despertar a uma pessoa no mundo astral, mas é impossível fazer-lhe dormir novamente a não ser por meio do hipnotismo o qual é proibido, neste caso, para o verdadeiro espiritualista.

— Vi que muitos trabalham em corpo astral durante o sono; por que não se recordam de seus trabalhos no estado de vigília?

— É porque não têm desenvolvidos o seu corpo astral e os centros etéreos. Isto, porém, não interessa no momento; tu tens um caudal de conhecimento sobre os centros energéticos que alguns denominam “*Chacras*”. No entanto, tu ainda não estabeleceste a consciência perfeita entre a atividade astral e a física; mas podes fazer muito, embora inconscientemente. Sem embargo podes desenvolver mais os teus centros e poderás avançar paulatinamente. Todo impulso enviado pela mente ao cérebro físico há de passar pelo corpo astral; por isto, o efeito neste corpo é mais pronunciado do que no físico. Por este motivo o último pensamento antes de se dormir deve ser nobre e elevado. Um pensamento mau ou impuro atrai entidades da mesma índole. Olha este

monge que antes de dormir teve pensamentos elevados e santos! Atraiu assim a seu sono elementais afins à nobreza de seus pensamentos. Os elementais são os anjos das religiões. Já aprendeste a te colocares em condições de obter bons sonhos?

— Creio que sim; antes de dormir fecho meu cérebro ao tropel dos pensamentos negativos que me chegam de fora. Para isto visualizo minha aura como um escudo que me protege contra a influência externa e me dedico a pensar alto e a sentir fundo antes de dormir.

— Efetivamente, isto é tudo: ter pensamentos nobres e elevados para ter sonhos da mesma índole.

CAPÍTULO SEXTO

O Sexto Dia

No sexto dia amanheci mais fraco do que de costume; meu médico injetou-me um dos tantos milhares de fortificantes que fazem maravilhas em outros seres, porém, em mim, não produziam nenhum efeito.

Minha amiga esmerou-se em preparar-me alimentos muito nutritivos e me obrigava a tomá-los; às vezes eu protestava e outras aceitava.

— Quero dormir; tenho sono. O médico aconselhou o sono, e... Com isto eu salvava algumas horas de meu dia.

À noite minha guia apresentou-se no mundo dos mortos; o que me disse em primeiro lugar, foi o seguinte:

— Tua alma está bem arraigada ao teu corpo. Não podes ter a vantagem de morrer agora.

— Para mim é indiferente viver no corpo ou sem ele.

— Eu acreditava que estavas mais apegado à tua carne.

— E eu creio que a carne está muito apegada a mim. Minha amiga sorriu e disse:

— Na morte, a consciência se retira do corpo físico.

— Sim já sei, e passa ao etérico onde permanece por um período de poucas horas e em seguida passa ao corpo astral. Já aprendi isto de memória.

— Então, atualmente és como o estudante de medicina; tens agora que praticar depois de estudar. Aqui estamos diante de um moribundo. Estuda-o.

Contemplei o moribundo; era um ancião, cansado talvez de tanto viver; vi que saía do corpo físico; sua envoltura desprendia-se sob um processo muito curioso. O homem estava deitado de costas; vi sair dele outro corpo sutil e transparente. O que estava dormindo ficou imóvel, enquanto que o segundo, que saiu do primeiro, movia-se lentamente como um ser que se desperta de um sono agradável e tranqüilo. Logo concluí que a morte deste ancião deve ser agradável. O corpo transparente ficou imóvel por uns segundos e eu não soube por quê. Minha guia, lendo meu pensamento, disse no mesmo idioma (em pensamento):

— Está revivendo todos os atos de sua vida, e vai agora julgar a si mesmo sem adornos nem enganar. Momentos depois, o velho moveu-se não muito satisfeito de seu exame de consciência; mas estava de acordo. Pareceu-me que nosso amigo não estava satisfeito com seu adoentado e velho corpo; sentiu um desejo imenso de ter um corpo jovem como o tinha na idade de vinte anos; então, pouco a pouco, começou a rejuvenescer-se até ficar com a mesma fisionomia e energia daquela idade. O primeiro desejo que teve depois de obter seu corpo jovem foi o de ver sua amada mulher que havia morrido muitos anos antes dele em um país longínquo do lugar onde ele deixou seu corpo físico. Em seguida os dois se encontraram e entraram um no outro.

Aqui convém repetir e advertir que neste plano as distâncias se anulam e é possível que dois seres se relacionem sem interposição de espaço, isto é, que embora duas almas não estejam juntas, podem relacionar-se com a mente e o espírito como se estivessem unidas. A telepatia pode nos dar a chave do fenômeno. Duas almas podem se comunicar sem que para elas a distância seja um obstáculo. O ancião consolou-se ao reunir-se à mulher amada.

Então perguntei à minha guia:

— Li que no momento da morte o corpo astral fica enlaçado com o cadáver por um tênue cordão de matéria etérea, mas eu não o vejo neste morto.

— é porque ele está ainda unido ao seu físico. Tem primeiro que dormir para depois separar-se definitivamente e ter livre vontade de agir.

De fato, momentos depois, o homem dormia como uma criança.

— Todo ser deve dormir depois de morto?

— Não, respondeu minha companheira; os Mestres e discípulos não necessitam desse sono; os demais o necessitam porque precisam de tempo para adaptarem-se à vida no mundo astral e para adquirirem força suficiente para o novo estado de vida. Ele agora é uma criança no mundo astral e deve dormir, assim como uma criança recentemente nascida no físico precisa dormir. A própria esposa vigia o seu sono.

— Todos têm os mesmos sonos e requerem o mesmo tempo?

— Não; cada ser tem seu próprio sono segundo a tranqüilidade de sua própria alma.

Deixemos, por agora, este ancião, e vejamos este jovem; ele não pode dormir tranqüilo. Olha!

De fato havia um jovem que não podia dormir tranqüilo porque deixou no mundo físico a mulher e os filhos.

— Olha este outro!

Era um homem maduro com intensas nuvens de cor repugnante de ódio contra todo o mundo.

— Este outro sofre de inquietude porque não terminou sua tarefa; também não pode dormir. Este desassossego o atrai para as coisas da terra. Esta será uma de tuas tarefas futuras. Continuando ela disse:

— Escuta bem: muitos desses seres não podem dormir tranqüilos e atrasam sua evolução em sua nova fase de existência. Tratam de aparecer visivelmente aos seus parentes ou de comunicarem-se com eles como ficou comprovado pelas aparições ectoplásmicas. Agora bem, uma de tuas missões é convencer esses seres que não olhem para trás... Tu adquiriste por meio de certas práticas fornecidas pelos teus instrutores o

dom de envolver a alma com ondas de paz, tranqüilidade e convicção. Esta é uma das várias tarefas que estão colocadas sobre teus ombros.

— Acaso tenho eu tanto poder para realizar isto?

— Eu não sei; tu te meteste “em camisa de onze varas” e terás de te desenvolver. Por outro lado, não serás tu também protegido e guiado?

— Perdão; ainda me sinto na carne; porém, você tem toda razão.

— Trata de impedir a perturbação das almas, lançando sobre elas o véu... da paz. Deves anular o efeito das lamentações e do pranto sobre o morto o qual, por isto, afasta-se de seu descanso necessário e, assim, trata de voltar ao corpo e ao mundo. Tens que converter-te em protetor e auxiliar invisível durante o teu sono para guiar os que passam à outra vida, assim como ajudar aos que vagueiam na vida corporal, quer sejam “Bons ou Maus” na terra, porque todo homem é filho de Deus, e, portanto é teu irmão.

Agora voltemos ao nosso homem adormecido. E continuou:

— O homem já começa a dar sinais de se despertar. A memória subconsciente descobriu seus segredos e ele compreendeu a causa e os efeitos de cada acontecimento de sua vida que acaba de passar. As ações da vida passada imprimiram em sua alma o caráter individual nas futuras vidas. A alma depois da morte do físico, ou melhor dito, o ser depois de abandonar o corpo, sua condição é de ESTADO e não de LUGAR. Assim, depois de “dormir na Paz do Senhor”, depois de “descansar em Paz”, “Deus dará o sono a seu amado, etc...” e o ser se levanta para a vida eterna. A frase que diz: “A morte é o nivelador universal” é absurda. A morte do físico não muda o caráter nem a inteligência da pessoa; por conseguinte, há tanta variedade de graus de inteligência entre os mortos quanto entre os vivos. Como tens observado, a morte não é mais do que a continuação da vida sob certas condições diferentes. Olha nosso homem que recentemente chega da vida física. Ele quer abraçar sua mulher com toda ternura, mas seus braços não agarram nada: tenta novamente porque tem a impressão de não ter morrido e não compreende a diferença existente entre o mundo físico e o astral. Ele está consciente e não acredita que morreu porque nota muito pouca

diferença e supõe que está. Vivo. Aqui estão para ele as paredes, as cadeiras, a cama, etc, coisas e objetos aos quais está acostumado. Não examina e não distingue o rápido movimento das partículas que compõem e formam os objetos.

Agora olha este marido amoroso. Na rua caminhava uma mulher vestida de luto. O marido, que morreu por acidente automobilístico há um mês, não se convenceu ainda que esteja morto. Ele sempre acompanha a mulher; dirige-lhe a palavra, quer detê-la em seu caminho, mas ela não o vê e não o ouve e segue o seu caminho. Ele trata de tocá-la e nota que não faz impressão alguma sobre ela. Ele pensa que está sonhando, porque quando sua mulher dorme, fala-lhe como antes.

Neste plano os desejos e os pensamentos se expressam em formas visíveis como temos visto, porém não para os que morrem em acidentes e nem para os que deixam repentinamente o corpo físico.

Depois da morte, o homem sente a influência dos sentimentos de seus amigos mais facilmente do que quando estava com eles na terra.

Muitos acreditam que depois da morte têm necessidade de trabalhar para viver.

Olha! É um comerciante que vai à sua loja. Este está preparando sua comida. Este outro está construindo sua futura casa para viver, pois está cansado de pagar aluguel; e assim é a maioria da humanidade. “Cada louco com sua mania”. Por isto necessitamos muitos trabalhadores conscientes para despertar a humanidade.

Olha estes trabalhadores; a maioria deles está morta e, no entanto, vai ao trabalho; entra e sai pelas portas das fábricas e não se dá conta de que pode atravessar a parede com toda facilidade. Caminha na terra sem saber que pode voar e flutuar no ar e viajar a longas distâncias. Eu chamo a tudo isto de “analfabetismo astral”.

Outra tarefa a ser posta sobre teus ombros é a de transmitir estes ensinamentos aos que querem aceitá-los, a fim de que se encontrem familiarizados depois da morte com a plena consciência do que devem fazer. São ensinamentos de grande vantagem para o homem usá-los depois de sua morte e ajudar a outros seres. Quando a alma se desprende

do corpo astral, não tem mais forma alguma nem figura — é um espírito. Ninguém sabe como é o espírito sem corpo.

— Efetivamente, disse eu, mas às vezes tive chispas de compreensão quando me excluía do mundo físico e repetia esta afirmação: “EU SOU”; então me sentia “Eu” sem forma e sem figura.

Minha guia me contemplou um lapso com o espírito e me disse:

— Isto é algo magnífico. Como isto não me ocorreu antes? É mais fácil do que o outro trabalho.

Depois de uma pausa ela continuou:

— Algumas pessoas do mundo físico buscam fenômenos e sem perceberem caem nos sub planos inferiores do mundo astral. Olha por ti mesmo.

Então, diante de nós, apresentou-se esta cena:

Em um salão enorme repleto de assistentes, uns estavam de pé e outros sentados. Em uma espécie de cenário estava uma bela jovem, e diante dela se achavam cinco pessoas; eram “médiums”, como ela os denominou. Ela reuniu as pessoas em forma de círculo; fez com que agachassem um pouco suas cabeças e, sem nenhuma evocação ou passes magnéticos, vimos, depois de poucos minutos, entidades entrarem nelas. Nisto, a jovem gritou:

— “Hey”!

As cinco pessoas separaram-se e cada uma gesticulava à sua maneira e dançava sem compasso e sem ritmo.

A jovem dirigente desta cena predicou ao público dizendo que os espíritos elevados vieram para curar os enfermos por intermédio dos cinco “médiums”. Em seguida os assistentes começaram a desfilar diante deles. Os “médiums” saltavam, bailavam, inclinavam-se, gritavam, faziam caretas, e havia entre eles uma mulher que não levantou o busto e, sempre inclinada, gritava: ê... ê... ê... Os presentes começaram a se desfilar diante deles e cada “médium” tinha uma maneira de curar os doentes; um massageava com as mãos e a mulher bailava e lhes gritava ê... ê... ê...; um outro aplicava as duas mãos sobre a cabeça do doente e, sempre com a dança e o grito ê... ê... ê... Alguns doentes sentiam-se

aliviados, apesar da inferioridade do fenômeno e das entidades que ocupavam os corpos dos “médiuns”.

Minha guia me disse:

— Agora vamos assistir a uma hecatombe coletiva. Olha este avião que se precipita no mar.

— Estão todos condenados a morrerem afogados?

— Sim, pela lei de causa e efeito. Todos eles contribuíram, antes, em afogar outros seres, afundando barcos ou algo semelhante. Seguramente tu me dirás: a lei da guerra os obrigou. Saiba, pois, que a Lei Universal é superior a todas as demais leis. Eles obedeceram ordens superiores. Os que deram as ordens estão com eles no mesmo avião. Eles mesmos decretaram suas próprias mortes.

— E todos vão para o mesmo plano?

— Não; cada um desperta no plano correspondente às melhores qualidades de seu caráter e ali permanecem durante sua vida astral. Este Sacerdote que viaja com eles, em vez de pregar a paz, trocou o amor ao Evangelho pelo amor ao nacionalismo.

Depois terás que visitar os diferentes planos e sub planos do mundo dos desejos que atraem as almas aptas para morar neles. O avião está caindo; vamos ajudar... muitos já estão esperando para ajudar aos que vão se afogar... já está..!

Uma alma muito apagada à terra; enlouquece-se por ter que morrer e deixar este mundo; este outro era um general e planejou muitos ardis contra o inimigo; mas aí também vão almas de seres que foram mortos pelos seus ardis; o espanto apoderou-se dele; o ódio continua dominando-o; ele quer aniquilar a todos com seus canhões e bombas, porém, não mais tem exércitos e os inimigos são muitos; alguns seres bondosos cuidam dele e tentam fazer-lhe entender que não está mais na guerra. Ele não quer saber de nada; quer matar os inimigos para conquistar o título de herói e obter uma grande medalha; por agora

ninguém pode ajudá-lo. Aqui está nosso amigo Sacerdote rodeado de seres burlões que riem de sua santidade patriótica. Olhemos: ele quer livrar-se deles por meio da oração; chama a Jesus e a Maria, assim como todos os santos; nenhum lhe escuta. Ouve sempre esta voz: “Amai-vos uns aos outros”; e todos os mortos repetem: “Amai-vos uns aos outros”; ele quer tapar os ouvidos para não ouvir estas vozes, mas sempre as ouve; agora usa o exorcismo acreditando que são os demônios que o atormentam; mas de nada servem suas palavras; por fim, grita: perdão, perdão, perdão; as vozes se calam e os fantasmas, então, desaparecem; mas, diante dele surgem os atos que praticou em sua vida... Ele era uma alma atraída de um lado pela vida espiritual e, por outro, pela vida terrena a qual prevaleceu sobre a primeira; agora ele tem que seguir o destino que traçou para si mesmo.

Agora vamos a este outro; este obedecia às ordens com desgosto; é um ser que sente o amor, mas foi obrigado a obedecer; ele não tem nenhuma atração para as coisas materiais; tem uma mulher e dois filhos; não sofre por causa deles porque estão bem colocados; está conformado com o que aconteceu; não tem medo e não espera recompensas.

Aí vai um super-homem, disse minha companheira.

— Podemos fazer algo por ele.

— Seu guia está chegando — a que chamam o Anjo da Guarda.

Antes de terminar sua frase, apresentou-se um Ser de Luz que se aproximou do homem envolvendo-o com seus raios luminosos; e os dois desapareceram.

— Aonde foram? Perguntei.

— A nenhuma parte, a nenhum lugar; estão em um estado vibratório de existência diferente do nosso; a alma nunca está só; a acompanha os que estão em simpatia e harmonia vibratória com ela; está sempre livre dos que vibram contrário à sua tônica.

Os desgraçados aqui são aqueles que estão aferrados e apegados à vida física da terra que lhes proporciona gozo e prazer carnal. Depois do sono, a alma se desperta em um mundo de vida e nada mais senão vida!

CAPÍTULO SÉTIMO

O Sétimo Dia

Hoje amanheci mal. O médico mudou a fórmula das receitas.

Novas injeções, mais alimentação e completo repouso.

Gostei desta última prescrição. Necessito de repouso e isolamento para prosseguir em minhas aprendizagens.

Minha guia não veio durante o dia, porque ao que me parece ela sabia que seria interrompida.

Por fim, chegou a noite, mas... Como demorou chegar a hora para que eu pudesse ficar só.

Enfim, estou só.

Não me demorei em entrar naquele estado de lassitude; então, minha guia apresentou-se; senti que estava carinhosa nesta noite; disse-me:

— Escute amor, estou feliz por ti. Meus guias me elogiaram por haver-me ocupado em ensinar-te. Eu te devo muito pela nossa vida anterior na Espanha. Recordá-te daquela pequena casa? Foste perseguido por defender os mouros e os judeus que foram vítimas dos cristãos que tomaram o poder. Até hoje tuas obras são lidas. Foste perseguido por ordem do Rei e da Rainha, e fugiste para a Argélia, deixando-me só. Os esbirros do Rei maltrataram-me até minha morte física. Sempre te buscava porque te queria e te amava como te amo ainda hoje. Fomos felizes no mundo físico e hoje o somos mais ainda

em espírito. Como vês, basta um forte desejo meu ou teu para estarmos juntos. Não foi possível o nosso encontro no mundo físico desde aquela época; cada um tinha deveres a cumprir. Recordas de tua Alia?

Ao ouvir sentindo estas palavras, despertei-me fisicamente de tanta emoção. Meu despertar causou-me uma tristeza indescritível, e comecei a invocar mentalmente aquela mulher, ordenando e rogando-a que me esperasse até vir a dormir novamente. O sono, porém, afastou-se mais e mais de mim. Pensei em tomar algum suporífero, mas afastei a idéia devido à reação inconveniente da droga. Depois lembrei-me das leis ocultas que dizem: “Nada se obtém mediante precipitação e nervosismo”. Procurei me acalmar. Fiz algumas respirações e ordenei ao sangue para diminuir o seu fluxo na cabeça e, assim, pouco a pouco entrei no mundo de Morfeu.

Minha companheira e guia me esperava perto da cabeceira de minha cama.

— Amor de minha alma, porque não me revelastes desde o princípio tudo isto?

— Porque antes não estavas consciente de teus muitos deveres; agora que já estás mais adiantado, tudo te revelei sem receio. Já podemos fundir-nos um no outro para sentir a alegria do AMOR e continuar nosso trabalho.

— Podes dizer-me quando virei definitivamente para este mundo daqui?

— Quem te escuta, meu amor, diz que és um simples profano. O que significa o “aqui” e o “lá” para a alma? Somos deuses eternos e passeamos amiudadamente em vários mundos, algumas vezes unidos e outras vezes separados. Agora vamos trabalhar para completar teus estudos e práticas, para ajudar também Eva e Astarouth.

— É a mim que toca o dever de ajudá-las?

— Sim, amor; explico-te outra lei. Aqui os seres que se amam muito são os que mais aprendem e aproveitam, sobretudo se o guia é também o amante. Agora ao trabalho!

— As dimensões aqui, como tens visto, não são de espaço e sim de vibrações e tempo. A rapidez do movimento aqui parece repouso absoluto. Onde termina o plano físico superior com suas vibrações, aí começa o sub plano inferior astral. O mundo físico é medido com dimensões de espaço, e o astral, com as dimensões do tempo. As viagens feitas no mundo físico são medidas por quilômetros, mas as viagens no mundo astral passam de uma tônica superior a outra inferior e vice-versa. Este é o mundo astral e nele há inumeráveis sub planos os quais se pode percorrer somente por graus de vibrações. De maneira que a alma passa de um a outro estado de vibração (em vez de dizer plano) a outro. Já sabes que no estado astral existem muitos estados ou condições de existência que deves percorrer, ou melhor dito, experimentar um por um para poder ajudar em todos os planos.

Para se estudar medicina leva-se sete anos e para trabalhar perfeitamente no astral tens que aprender as sete tônicas e vibrar com elas. Cada etapa de vibração atrai seres ou almas afins para morar nela. Não há casualidade no mecanismo da lei que opera com precisão. Cada alma ou ser permanece no grau de evolução ao abandonar o físico. Ninguém passa ao grau superior sem merecimentos. Aqui não se pode subornar o professor ou o juiz para passar de grau ou perdoar um delito.

Os de cima podem descer, isto é, os de vibrações superiores podem atenuar sua frequência e descer, mas os de baixo não têm condições de subir.

— Em que plano estamos agora?

— Apenas no quinto, disse ela.

— Não podemos vibrar com maior frequência para subir, ou melhor dito, aspirar ao sexto?

Ela sorriu e disse:

— Tu ao dedicar-te à Obra podes vibrar com mais afinidade e saborear o sexto. No mundo físico existem categorias e aqui também devem existir. Como disse; os de cima podem descer, mas, os de baixo

não podem subir, porque desta maneira os planos superiores estariam expostos à perturbação e influência daqueles que moram nos inferiores. O plano astral tem seus bairros baixos e seus rufiões, assim como nas cidades do plano físico. Agora debes saber que, voluntariamente, trasladam-se aos planos inferiores, ao seu muitos seres, com a missão de socorrer os seus moradores e orientá-los com seus conselhos e instruções. Então já sabes que aqui no mundo dos desejos ou astral há muitos planos e sub planos, e que cada sub plano está habitado por almas afins com sua índole.

Olha! Disse minha companheira, aqui neste sub plano moram os seres submergidos em bestial materialidade, é um inferno insofrível para as almas evoluídas.

Agora quero que desças e trates de aconselhar estes seres e de convencê-los de seus erros.

Imediatamente eu estava com eles; uns me olharam com desdém e outros com satisfação. Aproximei-me de um que estava triste e solitário. Várias vozes gritaram: não te aproximes deste renegado; vem conosco para o prazer; eu não respondi e continuei falando com o “renegado” que em prantos e arrependimento quer pagar sua culpa de uma vez, para não viver aquela insuportável vida; então eu lhe perguntei:

— Queres passar a um plano superior?

— Não, gritou ele para mim; eu quero voltar à terra para depurar-me e limpar minha alma.

— Vem, eu lhe disse. Já estás salvo. Minha amiga me disse:

— Tudo está bem; já está vindo quem vai se encarregar dele.

Naquele momento apresentou-se uma mulher e o levou.

— Diga-me Alia, todos os protetores aqui são mulheres?

— Não, amor; os homens também trabalham; mas esta mulher foi a esposa dele em vida e apesar do mau trato dele para com ela, continua amando-o. Assim é que o amor dela o salvará; os protetores invisíveis a escolheram para a tarefa.

— Diga-me: porque ela não foi mandada diretamente a ele para salvá-lo?

— Porque ela não sabe manejar suas vibrações no mundo astral; e então podemos repetir as palavras de

Jesus: “A seara é grande e os segadores são poucos”. Nem todos sabem se movimentar neste plano. Já sabes então que de hoje em diante tens que sempre “descer ao inferno” para socorrer algumas almas e, assim, terás o direito de subir ao sexto plano e em seguida ao sétimo se teu trabalho físico e mental continuar desinteressado. É bom saberes também que existem alguns seres que preferem seguir sua evolução no mesmo plano até pagarem todas as suas dívidas durante sua permanência nele. Olha estes que não querem desprender-se de sua natureza passional e emocional; este estado se denomina “limbo”.

— Mas aqui é uma “Babei”, como dizemos no mundo físico.

— Efetivamente, respondeu-me ela; aqui se encontram muitos tipos e formas viventes tão diferentes entre si, assim como o cão é diferente do homem. Este é o mundo dos desejos. Muitos dos que se encontram aqui, pela sua natureza animal, não querem se desprender do corpo astral ou dos desejos, e assim este se desintegra em pedaços, como se diz.

— Mas, estes outros, porque têm tanto medo?

— Estuda-os por ti mesmo.

— Estão aterrados porque os demônios os rodeiam.

— É verdade. Eles têm acreditado na existência dos demônios, e suas mentes fabricaram estas formas repugnantes, durante séculos. As mesmas criaturas atormentam agora aos seus criadores aos quais causam um sofrimento agudo e longo. Aqui te toca trabalhar muito; queres começar agora?

— O que devo fazer?

— Trata de eliminar suas visões; algumas delas perceberão sua ilusão; em seguida debes fazer com que compreendam o seu erro.

Naquele instante senti-me que estava entre aqueles seres. Comecei a emanar uma energia luminosa e senti que estava evocando; o local ficou claro e depois escuro; todos me olhavam admirados e alegres, e eu lhes gritei:

— Tirai de vossas mentes a idéia do demônio e sereis salvos. Olhai! Já não existe aqui um só demônio. Vós sois os fabricantes destas idéias repugnantes, Vosso Pai do Céu vos espera. Nenhum demônio subsiste no pensamento de Amor. O Pai Divino vos ama demasiado ternamente. Ele jamais quer o vosso sofrimento. Amai ao Pai e amareis uns aos outros; e assim, nenhum demônio ousa entrar onde existe o Amor. Fiquei admirado de minha eloquência, porém minha admiração chegou ao auge quando vi que a maioria daquelas almas estava alegre e vi também que muitos Seres de Luz aproximavam-se daqueles que estavam alegres. Sem embargo, alguns pararam e me olharam com maus olhos. Desgraçadamente no plano astral, assim como no físico, os ignorantes em vez de aproveitarem o conselho, atacam aquele que aconselha. Ouvi gritos infernais que me tachavam de herege, apóstata, maçom, renegado, etc. Tive que fugir, digamos assim, e disse à minha guia: Aqui também insultam com todas as palavras do vocabulário. Ela sorriu e disse:

— Os chefes sempre se crêem com o direito de insultar a todo o mundo.

— Quais são esses chefes? Ela me olhou sorrindo e disse:

— Não façás gracejos; tu os conhecestes muito bem. Vamos a outro ponto, ou a outra vibração.

— Quanto tempo dura a vida neste mundo, ou etapa astral?

— Depende da qualidade do corpo astral fabricado pelo homem. As paixões, as emoções, os desejos e seus pensamentos determinam a forma. Um corpo astral grosseiro é fabricação exclusiva de seu próprio dono, mas também ficará atado ao plano astral muito tempo seguindo o processo lento da desintegração. O escravo de suas paixões dará uma longa vida ao corpo astral e este persistirá longo tempo depois de sua morte. O ser que durante sua vida dominou seus desejos inferiores submetendo-se à natureza superior, seu corpo de desejos terá pouca energia e, assim, se desintegrará rapidamente.

— Olha isto!

Vimos um homem que se desprende do corpo físico, logo em seguida do corpo anímico; depois se deteve por um momento e se desvestiu do corpo astral, desaparecendo.

— Este é um discípulo adiantado que não sentiu atração alguma para estes planos porque já havia subjugado suas paixões terrenas durante a vida física; assim ficou pouca energia proveniente de baixos desejos para retê-lo no plano astral. Este é um dos bem-aventurados do Evangelho que se dirige ao Primeiro Céu ou Plano Mental.

— Quando chegaremos lá?

— “Na Casa de meu Pai há muitas moradas”, disse a mulher, citando estas palavras de Jesus.

— Creio que muitos seres não permanecem muito tempo aqui.

— Ao contrário; poucos são os que saem rapidamente daqui e esses são os adiantados pelo sacrifício e pelo amor desinteressado; os demais ficam anos e anos...

Aqui, quem quiser pode ficar à vontade; ninguém o obriga a subir ou a descer. Olha aquele homem; disseram-me que vive satisfeito aqui há três séculos humanos. Olha como seu corpo astral está tão remendado e cheio de buracos; ele continua indolente. Ultimamente vem se sentindo algo descontente de seu estado e parece que já está pensando em mudar de residência.

Enquanto o ser humano não se dá conta da necessidade de desfazer-se dos maus desejos e não faz esforços para regenerar-se, não dará um passo para o aperfeiçoamento, nem para mudar o seu estado. A essa classe de seres pode-se ajudar muito; eles ignoram sua verdadeira situação. Vá a este velho e veja o que pode fazer por ele.

— Olá amigo, o que fazes aqui?

— Nada.

— Estás feliz?

— Não sei.

— Recordas de tua vida passada como foste feliz?

— Ao menos era melhor do que agora.

— De fato; aquilo que era vida; uma felicidade. Por que não tratas de voltar a ela?

— Por que você brinca comigo?

— Não, homem, não! Estou falando de verdade; vamos à Terra, ao Paraíso.

— Não posso; estou amarrado aqui.

— Vamos! Deixa esta roupa velha; dá-me tua mão; eu te levo. O ancião obedeceu, mas sempre olhava as formas de seus próprios desejos com muita ternura. Vamos! Lá encontrarás coisas melhores; algum dia te farei uma visita. Vais me tratar bem, não é assim?

O velho sorriu e emanou luzes de felicidade. Neste momento apresentou-se um ser que se encarregou dele, e os dois desapareceram.

— Ele se foi muito agradecido, disse minha amiga, que sorrindo, continuou: meu filho, aqui é como lá. A ingratidão e a gratidão estão no mundo astral, assim como no físico.

Agora já está na hora de te despertares no físico. Deves trabalhar somente na próxima noite. Eu não poderei vir. Tenho outros trabalhos a meu cargo. De hoje em diante, cada vez que queiras me ver vibra nesta tonalidade e me chama mentalmente, e estaremos juntos. Mas, se eu estiver ocupada, tu me ajudarás. Beija-me com os olhos. Até logo, como se diz na terra.

— Até logo, meu belo amor, disse-lhe.

Ao abrir meus olhos o relógio marcava cinco e meia.

CAPÍTULO OITAVO

O Oitavo Dia

Passei um dia normal. Tinha uns décimos de febre, porém sentia-me melhor. Pelo menos estava mais alegre do que de costume. Agora já posso trabalhar nos dois mundos.

Alguns parentes perguntaram por mim; pedi para dizer-lhes que logo iria vê-los.

Estava ansioso para chegar à noite, a fim de recomeçar meus trabalhos e minha aprendizagem.

Esta noite estarei só. Irei ver minha amada mãe, a meu pai, irmão e aos demais membros da família, assim como a outros conhecidos.

Quão lentas passam as horas para quem espera...

Enfim chegou a hora! A porta de meu quarto foi fechada e eu me entreguei à lassitude que antecede ao sono... e...

— Mamãe, amor meu!

— Filho de minha alma!

Nossas auras fundiram-se uma na outra.

— Como estás mamãe?

— Meu filho, eu estou muito feliz; todos os meus companheiros e companheiras me querem bem; aqui estamos dedicados à oração; eu sempre te vejo e a teus irmãos e me sinto feliz ao ver que todos estão bem.

— Mamãe, eu estou fisicamente enfermo; quem sabe virei logo para cá?

— Não, amor; sinto que vais viver um pouco mais na Terra. Jorge, sinto que estás afastado da religião; não praticas mais os deveres

religiosos como fazias antes. Isto não está bem, meu amor. Aqui eu me confesso sempre. Cada vez que preciso confessar-me; vou e encontro o Sacerdote que me espera.

— Mas, mamãe, que pecado cometes para confessares sempre? Teu Jorge não te aborrece mais como o fazia na Terra. Minhas irmãs Ré e Nasha sempre rezam por ti; minha outra irmã não reza porque o sofrimento para ela é a melhor oração.

— Ai! Não sabes quanto teu irmão e teu pai me fazem sofrer.

— Por quê?

— Não querem escutar conselho algum. Não temos essa como se chama

— Chama-se: afinidade

— Sim, sim, afinidade.

— Aqui amada mamãe, todos somos filhos de Deus e não há nem pai nem mãe; nem esposo nem esposa; cada qual trabalha para aliviar a dor alheia e assim suas próprias dores são aliviadas. Deixa de rodear teus filhos e trata de mudar tua situação, amor meu.

— Como? Se eu estou bem.

— Mas estarás mais feliz em outro lugar e com outro trabalho.

— Muitos aqui me disseram isto, mas não acreditei

— Deves acreditar, meu amor! Olha, vou te levar a outro “lugar” e lá irás aprender muitas coisas, e verás como hás de passar melhor o teu tempo.

— E posso voltar aqui?

— Sim, quando quiseres.

— Instantes depois nos encontramos diante de um menino abandonado e agonizante. Detive-me diante do moribundo e minha mãe correu a ele dizendo:

— Pobrezinho, como o abandonaram!

Naquele momento minha mãe estava radiante pela matização da ternura que teve para com aquela criança abandonada. Em seguida ela disse:

— Eu vou cuidar dele; quero levá-lo comigo.

— Já, já, virão recolhê-lo. Mas diga-me: gostas de trabalhar assim e ajudar a essas pobres crianças abandonadas?

— Que mães tão más! Como podem abandonar desta maneira o filho do coração!

Eu sorri e disse:

— Não, mamãe; não é o filho do coração, e sim o filho da paixão.

Ela me olhou e disse com aquela simplicidade dos seres puros:

— A que tempos chegamos!...

Naquele momento apresentou-se uma mulher irradiante de luz, olhou para minha mãe e com ternura disse-lhe:

— Queres trabalhar conosco?

— Sim! Respondeu minha mãe, sem nada perguntar.

— Vamos.

Minha mãe se despediu com um gesto de ternura e desapareceu.

Agora vamos ver o velho, disse eu a mim mesmo.

Meu pai estava rodeado de muita gente e contava com perícia as suas caçadas.

Efetivamente ele era um afamado caçador.

Contava como matou o tigre e como lhe disparou primeiramente sobre os olhos com a escopeta (espingarda antiga) de caça e como depois tratou de carregá-la novamente com chumbo para dar-lhe o tiro final. O que mais me surpreendeu foi que ele via a cena e a reproduzia ante os demais como se fosse um cinema vivo. Que poder de concentração tinha o velho! Eu vi todo o fato com a máxima clareza.

Quando terminou, aproximei-me dele e disse-lhe:

— Papai!

Ele me olhou e gritou:

— Jorge — assim ele me chamava — meu filho, já vieste para aqui?

— Não, papai, venho em visita.

— Como? Estás brincando comigo?

— Não meu lindo velho, é a pura verdade.

— Terás descoberto a maneira de chegar aqui antes de morrer?

Eu sorri e disse:

— Mais ou menos, algo assim. Tu como estás? Feliz?

— Mais ou menos; teu irmão está me incomodando muito, e...

Meu pai quis relatar-me, como em vida, o que meu irmão fazia, mas eu cortei sua palavra dizendo: '— O que fazes aqui?

— Vivendo.

— Vives sem nenhuma ocupação? És um membro da humanidade e deves ocupar-te em algo para ajudar aos demais. Em toda tua vida foste vigilante da ordem e defensor do débil. O que te passa que agora estás dedicado a contar tuas proezas, sem ocupar-te em coisa alguma?

Meu pai pensou um instante e disse:

— Tens razão, Jorge, vou pensar nisto.

— Não há que pensar; vamos começar o trabalho agora.

— Quero levar o Salim comigo (Salim, meu irmão mais velho).

— Onde está ele?

— Não sei; às vezes vem e outras vai. Não sei em que está se ocupando.

— Deve ter seu trabalho. Vamos.

— Nisto um ser se apresentou e me disse: eu me encarrego dele, posto que já quer trabalhar.

E os dois se foram.

Agora a quem devo ir?

Por que esta pergunta, se desde algum tempo eu já havia traçado o plano?

— Eva! Minha querida Eva!

Jorge, meu amado de sempre! Quão feliz estou em ver-te e sentir-te.

Parece que ela sentiu minha emoção e disse:

— Quantas e quantas vezes te segui e estive ao teu lado. Em certas ocasiões tu me sentias, em outras não.

Sempre quando dormias, eu te buscava, mas ultimamente não tens me atendido como antes; eu não sei por quê; não, amor! Eu sei; tu estás trabalhando muito e o trabalho não te dá tempo para atender à Eva, tua amada de antes.

— Não sejas ingrata; tu estás gravada em cada célula do meu sangue.

— Obrigada, meu amor, eu te devo muito. Quantas vezes eu queria voltar atrás e tu me enviavas o teu amor e me ordenavas seguir adiante. Sim, agora eu sei o que significava tua atitude. Depois de ter me adiantado percebo que o ser quando vem para aqui não deve deixar seu coração na Terra, se quiser progredir e atender à sua tarefa espiritual. Todos detinham o meu progresso; somente tu me impulsionavas; e eu tinha que obedecer-te. Em toda a parte a alma tem sua tarefa, e não tem e nem pode ter mais do que um amor.

— Eu tive três, Eva.

— Sim, mas teu coração é um manancial; davas amor e não recebias senão sofrimentos.

— Tu também sabias disto?

— Sei tudo que está ligado a ti; porém, o meu amor, como te disse antes, em vida. “é e será sempre como um lago profundo e quieto”.

— Eu divulguei isto ao mundo.

— Eu li isto, quando escreveste. Quão agradecida estou, meu amor! Pelo que disseste e pelo que tens feito por mim. Recorda-te! Eu sou o teu primeiro amor!

— Em que trabalhas aqui?

— Em ajudar aos amantes que morrem antes de satisfazerem seus desejos, bem como àqueles que abandonam repentinamente seus esposos e não querem nem podem se consolar.

— Que grandioso é o teu trabalho!

— Tudo devo a ti.

— Como sou feliz.

— Eu sou mais feliz ainda. Agora devo ir. Pensa em mim e estarei sempre ao teu lado para consolar-te em teus sofrimentos.

— Eu não sofro, Eva!

— Ah! Ah! Ah! O teu maior sofrimento fui eu; perdoa-me!

— Eu compus, uma vez, uns versos.

— Gosto muito de ouvir teus versos.

— Dizem assim: “Embora tenha passado o tempo e sejamos velhos, sempre ao passado lançamos o olhar”.

— É a pura verdade, mas algum dia faremos do passado um futuro.

— Até outro momento, meu amor!

— Até cada minuto, até sempre.

— Astarouth, onde estás?

— Estou aqui; estou te esperando, meu amor!

— Como?

— Eu estou mais perto de ti do que a tua sombra.

— Não estás ocupada em coisa alguma?

— Não tenhas receios. Meus amigos, os *druzos*, me dão tanto trabalho que nem podes calcular. No entanto, estou sempre contigo.

— Eu não compreendo bem. Em que trabalhas?

— Aristóteles me ensinou como devo receber os nossos, e como devo tratá-los.

— Então tu estás sob a direção do Hierofante!

— E quanto ele te quer e te ajuda!

— Eu sei, eu sei.

— Ele é tão bondoso; cada vez que tenho um pesar ele me assiste e ajuda. Eu falei a ele de meu amor por ti; ele sorriu e disse: “ame-o muito e seu amor te elevará”. Por isto eu te digo que cada átomo de meu ser vibra por teu amor. Trabalho por teu amor, amo por teu amor, vivo por teu amor!

Astarouth continua sendo a mesma: vive pelo amor e morre pelo amor. Aquele amor da jovem atraiu a atenção do Hierofante, e ele deu-lhe esta tarefa responsável e formidável.

Como e quão grandiosa é Astarouth! Ela ouviu meu pensamento e disse:

— Isto eu devo a ti, meu Deus!

— Voltamos ao mesmo de antes.

— E até a eternidade! Acaso Deus não está em ti e tu NELE?

— Ah tu sentiste minha obra “EU SOU”.

— Tudo o que fazes é meu, mas eu sou tua.

— Tu pertences à Obra.

— E tu também, mas eu sou tua Obra e tu és meu Deus.

— O que diria o Hierofante, se te ouvisse dizer isso?

— Acaso ele não me ouviu? Quando ouviu sorriu com bondade e me disse ontem que “em recompensa deste amor”, vou ter contigo uma longa entrevista amorosa. Escute, meu amor, aqui nestes planos falamos do amor com toda liberdade e emoção e não como o fazemos na Terra. Aristóteles me disse: teu amor te salvou e foste tu que me ensinaste a amar. Na Terra eu queria te oferecer muito dinheiro porque me amaste e me ensinaste a amar; aqui não posso oferecer-te senão o mesmo amor.

— De fato tu tens muitos trabalhos em tua tarefa.

— Efetivamente, mas sou feliz, e é a ti a quem devo esta felicidade atual e futura.

— Diga-me algo sobre teu trabalho aqui.

— Escuta, meu amor; tu sabes bem que cada povo encontra neste plano o céu prometido pelas suas crenças religiosas. Há uns que acreditam que o céu é uma formosa cidade com ruas pavimentadas de ouro e rios de leite e mel, com lindas mulheres. O meu povo tem um conceito do céu, como o têm os cristãos, maometanos, judeus, etc. O céu é uma fabricação da mente humana. Agora bem, dizer a qualquer ser de qualquer religião que o céu é amor, ele não pode entender coisa alguma e crê que a palavra amor é ter várias mulheres bonitas à sua disposição. Todos, ou melhor dito, a maioria dos homens da Terra têm o conceito do

céu como o tem o selvagem que acha que o céu é o palácio de um rei com todo conforto e com todas as artes da civilização moderna. Como tu sabes bem “aqui as formas e as imagens mentais são as que dominam as mentes humanas”. Cada alma leva em si própria o próprio cenário em sua imaginação. Portanto, todas as almas de uma religião têm as mesmas idéias, conceitos, gostos, crenças e ideais; por este motivo habitam em um mesmo plano ou estado, têm o mesmo cenário e lhes rodeia o mesmo ambiente.

— Astarouth! És maravilhosa.

— És meu amor, por ti, Adônis, meus olhos se abriram.

— Bendita sejas pela felicidade que me proporcionas.

— Bendito és tu... Aqui como sabes, a transmissão do pensamento é a linguagem universal que é mais clara do que a linguagem falada. As ondas mentais de cada ser afetam aos demais que vibram na mesma tonalidade e são compreendidas como resultado da combinação das imagens mentais de seus habitantes. Tu sabes que tudo quanto o homem deseja existe somente em sua imaginação. Agora te pergunto: o que desejam os cristãos, os maometanos, os *druzos*? Dizendo a verdade, todos têm as mesmas misérias. Uns desejam palácios com jardins no céu, outros querem belas mulheres, outros querem ser reis e príncipes. Aqui eles têm um conceito do céu em condições idênticas com os ensinamentos religiosos da Terra, isto é, da vida física. Conseqüentemente, aqui eu sou drusa e tenho que me apresentar assim para poder inculcar nas mentes dos meus o conceito do céu e o caminho do amor que é o verdadeiro caminho para o céu, mas o céu do verdadeiro amor. Estás satisfeito, meu amor, com o meu trabalho?

Deus meu! Pensei — esta é Astarouth?

— Sim, amor de minha alma — respondeu ela — devo tudo a ti, ao teu amor e aos teus livros.

— Como posso agradecer-te pela lição que me deste agora?

— Ama-me para ires mais adiante.

E ao dizer isto fundiu-se comigo; senti tanta alegria que me despertei.

Olhei o relógio fosforescente ao meu lado e vi que eram duas horas da madrugada. Senti-me feliz porque podia dormir novamente para continuar meus sonhos.

Não tardei em dormir; e novamente estava naquele estado.

— Quero estar outra vez contigo.

— O poder de nosso amor nos atraiu novamente um ao outro.

— Quero que me ensines como trabalhas.

— Vem, amor de minha vida, eu posso guiar-te em minha seção; não sei se vale dizer a palavra “seção”

Olha, este ser não tem duas horas, do relógio humano, que chegou aqui, e crê já ter passado aqui uma eternidade sofrendo fome e sede. Era um glutão, como se chama na Terra.

— Sim, deste modo a mente fabricou a condenação eterna, porque aqui não se mede o tempo.

— Várias vezes quis falar a este ser, mas ele não quis entender.

— Quando chegam com um vício não podem entender um conselho sequer a não ser depois de um determinado tempo. Um homem de pouca força de vontade no físico é o mesmo no mundo astral. Enquanto que o ser decidido pode viver sua vida apesar das condições adversas. Em geral, o homem não se desprende de suas tendências más aqui, a não ser que trabalhe com muito esforço para isto. Este é o inferno desta criatura que sofre por causa de sua incapacidade para satisfazer as ânsias que alimentava no corpo físico. Com o tempo esses desejos se esgotam devido a impossibilidade de satisfazê-los. Ninguém o ensinou na vida física a respeito das condições da alma depois da morte. Agora muito pouco se pode fazer por ele; no entanto, vamos tentar. Então me apresentei diante dele e lancei uma onda de luz azul. O homem acalmouse e perguntou:

— Quem és?

— Vamos, tira de tua mente esta idéia tola. Aqui não há arak (anisado oriental). Se não deixares este vício, vais ter um câncer no estômago, como teu pai. Recordas?

— Sim, sim.

— Pois assim, vais morrer com câncer. O homem chorou e gritou:

— Não, não; não tomarei mais para não morrer de câncer — e deixou de chorar.

— Amor meu, para cada caso há um remédio? Como soubeste da doença do pai?

— Eu estava ouvindo o pensamento dele; por isto resultou a ameaça. Todo ser que entra aqui traz consigo os seus temores e o medo de algo que lhes assustava na vida. Olha este que está ali: é um ser indolente e indiferente; seu corpo não tem nenhum calor; acha sua vida aqui muito aborrecida e sem interesse algum.

— Amor, aqui existem certos seres que sofrem horripelmente.

— Quais são?

— Olha.

— Ah! De fato, estes são os sensuais de baixa índole; eles retêm suas ânsias e desejos e os sentem mais fortes do que nunca; estão muito perto do físico para excitar seus loucos desejos e, como não têm um corpo físico, não têm possibilidade de apagar seu fogo sensual e sua terrível sede. Mas o grande consolo que esta gente pode ter é que na vida futura serão dos mais puros. Existem alguns que se apoderam de veículos ao seu alcance para satisfazerem seus baixos desejos; há casos em que ocasionam obsessões. O álcool, o fumo, a morfina, etc. endurecem o corpo de desejos desta gente por uns tempos. Têm razão os druzos adiantados que não fumam.

Amor, agradeço-te por estes ensinamentos; vou empregá-los com minha gente. Asseguro-te que de hoje em diante vou seguir teu lema: *“minha religião é o Amor e minha Pátria é o Universo”*.

Pensarás em mim... ,

CAPÍTULO NONO

O Nono Dia

Esse dia foi igual ao anterior segundo o conceito do médico; por isso prescreveu injeções de vitamina para fortificar-me. Saiu depois de dar sua palavra consoladora: “Não há perigo”.

Alguns parentes e amigos vieram me visitar.

O dia não me pareceu tão longo como os anteriores.

Por fim... a noite chegou. Antes eu me queixava da noite interminável; agora é o dia que é imensamente longo.

— Aqui estou, querido. Como passaste?

— Muito bem.

— Então vamos trabalhar.

Olha! Este é um ser que vive ambicionando muitas coisas; seus pensamentos formulam planos, mas quando chega a hora de desfrutar de seus benefícios, prefere aumentar sua sede de dinheiro e bens materiais.

Este é Sísifo; dizem que estava condenado a fazer rodar uma enorme pedra até ao cume de uma montanha; quando se aproximava do fim, a pedra rolava novamente para o vale.

— É uma boa comparação.

— Estes outros seres tiveram uma vida dissipada em satisfações egoístas, trivialidades e murmurações; anseiam coisas e não as podem conseguir porque aqui não há negócios. Desta maneira, o homem em vida constrói seu próprio inferno e seu próprio purgatório. O inferno,

propriamente dito, não existe senão na imaginação dos teólogos; céu e purgatório não são eternos. Às vezes o assassinado persegue seu assassino, e tal perseguição os une.

— Vejo, no entanto, que aqui existe muita gente feliz.

— Sim, porque gozam de uma deliciosa liberdade; coisa alguma lhes preocupa, pois o morto é muito mais livre do que o vivo no corpo físico.

— O mundo astral é tão povoado quanto o físico?

— Não; os mortos são uma terça parte, poucos são os visitantes vivos do corpo físico, e uma grande maioria dos mortos permanece perto de seus corpos na superfície da terra. Neste mundo não é necessário trabalhar para comer; quem quiser pode aperfeiçoar-se na arte que gostar. O artista tem todas as belezas à sua disposição. O homem aqui pode viajar com grande rapidez e contemplar as maravilhas da natureza com mais nitidez do que no físico. Queres saber como o músico compõe a sua música? Olha!

Um jovem estava sentado ao piano com um lápis na mão e um papel diante dele; escutava uma harmonia, repetia-a no piano e logo a escrevia. É assim que os artistas e os homens de ciência se inspiram — continuou ela — e qualquer um aqui pode estudar e adquirir idéias completamente novas. Aqui tu podes aperfeiçoar os estudos sobre a vida depois da morte para transmitir a idéia exata.

— E os “sabe tudo”, por aí, de todas as Escolas e Religiões, o que fariam?

— Tu, amor, não foste escolhido por eles. Tu vieste aqui para completar teus estudos e práticas com o fim de trabalhar e corrigir certas idéias lançadas, provavelmente, sem muita meditação. Aqui se aprende com mais rapidez do que no mundo físico. Durante vários anos tu dedicaste teus pensamentos e tua energia às coisas espirituais e adquiriste uma mente com força suficiente para captar as mais amplas possibilidades de uma vida algo mais elevada; por isto tens que progredir muito para servir nos tempos futuros. Tenha em conta que a vida aqui é mais ativa do que no físico. Aqui há muitos prazeres e são

mais intensos; as delícias daqui não são perigosas para o ser que percebeu a superioridade do trabalho de servir. Depois da morte, o homem adiantado será mais ativo no astral. Aqui também a gente cria maior responsabilidade do que no físico; desta maneira as ações e os pensamentos realizados aqui podem produzir frutos ou efeitos agora e na vida futura.

— Eu te peço, amor, que me ensines como se pode descer e subir de vibrações neste mundo para se poder atuar à vontade.

— Eu queria deixar isto para último lugar; mas, como me pedes, vou te ensinar. Aqui a mente trabalha antes de tudo. Recordas a casa onde nasceste?

— Sim, recordo-a.

— Pensa intensamente nela.

— Já a vejo; já estou nela.

— Bem, agora pensa intensamente em um ser querido.

— Já; eu o vejo.

— Pensa em um ser querido, porém, já falecido.

— Pronto.

— Olha a cor do plano, mede suas vibrações pela tua sensibilidade.

— Agora entendo: para ver a um ser, deve-se pentear e desejar intensamente; e para se saber em que plano está, é necessário sentir suas vibrações.

— Está bem; mas depois tens que visitar os sub planos inferiores. Como deves fazê-lo? No físico, quando sonhas com algo que te aterra, tu te despertas no mesmo instante; mas, quando te achas no astral inferior ou inferno, o que farias?

Fiquei silencioso e pensativo; em seguida disse:

— Não sei..

— O amor, o amor é a tua única salvação, tua única arma, teu único refúgio. Tu escreveste o livro “EU SOU”; nele apresentaste todas as regras; mas não tens praticado suficientemente e sempre. Contra o amor não há arma que prevaleça. Com o amor podes descer, permanecer, sair e subir. Não sei se estas palavras estão adequadas para o caso atual, isto

é, com a vibração do amor e da caridade; o caminho ou o plano e todos os planos estão abertos e franqueados para o ser que ama.

— Posso visitar os sub planos do mundo dos desejos?

— Não só o podes, senão que é tua obrigação porque tu terás que trabalhar em todos eles antes de ter o merecimento de visitar o céu ou plano mental.

— O que devo fazer?

— Amar!

— Como?

— Tu escreveste: “há que amar sem desejo e adorar sem profanação”. Eu vou te ensinar a amar? Pois, como escreves algo sem praticá-lo? Perdoe-me, amor, tu sabes amar muito, mas no momento não te dás conta disto. Recordas aquela velha e suja mulher que despertaste da letargia da morte? Recordas como a abraçaste apesar de sua fetidez, esquecendo-te de ti mesmo, e começaste a infundir-lhe tua própria energia? Pois este é o verdadeiro amor divino que é exigido aqui. Amar sem desejo e adorar sem profanação. Estás vendo então que tens praticado algo deste amor desinteressado e divino. Agora bem, para descer ao sétimo plano sem receber nenhum dano, tens que amar sem esperar nenhuma recompensa. Já me entendes, agora?

— Mais ou menos. Oxalá tenha eu o amor suficiente para poder visitar aquela região.

— Eu estou segura disto. Não tenhas medo. Tu sabes amar e tu sabes sacrificar-te. Eu te acompanharei quando chegar a hora.

Aqui as pessoas da mesma raça e da mesma religião atraem-se e vivem juntas; desta maneira formam comunidades diferentes umas das outras como ocorre na Terra com o nacionalismo e com os idiomas.

— Aqui também há separatividade religiosa? — perguntei.

— E das mais fanáticas. Creia que, muitas vezes, o pai ou a mãe incita o filho para que se case com tal ou qual mulher. Aqui muitos se tornam anjos guardiães dos vivos; os pais protegem os filhos, o marido à esposa, etc... Durante muitos anos. Daqui também brota a inspiração, como se diz na Terra. Olha este escritor como inculca suas idéias a este

jovem que vive no mundo físico. A maioria de tuas obras foi inspirada daqui. Tu, no princípio, não quiseste colocar teu nome nas tuas obras; aqui estão registrados sete volumes teus sem, “físicamente”, levarem a tua assinatura; tu sentias intuitivamente que não eram tuas. As leis humanas, porém, te obrigaram a assiná-las, e tens que obedecer às leis. Mas devo dizer-te algo: aqui sentiram teu altruísmo e quiseram dar-te suas produções gratuitamente com muito gosto; de maneira que debes saber que a grande quantidade de obras que levam tua assinatura, tu as debes aos daqui. Também vou revelar-te um outro mistério da tua vida: as curas milagrosas que tens feito são por dois motivos; o primeiro é teu altruísmo e teu amor aos enfermos; o segundo é a ajuda de vários médicos deste lado, os quais te inspiraram métodos eficazes. Vou te mostrar algo para combater, na Terra, as idéias daqueles que se burlam do que não entendem.

Naquele momento entramos em uma Igreja onde jazia o corpo de um morto; seus parentes choravam ao redor dele, enquanto o Sacerdote celebrava a missa de defuntos. A alma do morto queria acelerar sua passagem para atingir vibrações elevadas; mas o pranto dos parentes a retinha. Por fim, alguém chegou perto dos parentes e lhes perguntou algo; eles deixaram de chorar e prestaram sua atenção a quem lhes estava falando. Neste momento, uma entidade (ou anjo) aproximou-se, tomou a alma do morto e acelerou sua passagem para uma etapa mais elevada; porém, o mais surpreendente foi que, para chegar a essas vibrações mais elevadas, tiveram que passar pelo cone formado pelo Sacerdote, em cima do Altar, onde a missa estava sendo celebrada.

— A missa — disse minha guia — oferecida pelo descanso da alma e com pura intenção é uma poderosa ajuda porque a força do pensamento chama a atenção e atrai a alma à Igreja; então ela se alegra e se eleva porque a vontade do Sacerdote e o carinho dos parentes unidos em oração lhe ajudam infalivelmente. A maior grandeza do catolicismo

são as Ordens Religiosas que se dedicam dia e noite em oração pelas armas do Purgatório.

— Então aqui no astral estão estabelecidas condições equitativas para satisfazer às necessidades das almas, por mais variadas e diferentes a fé e a crença que tiveram durante sua estadia na vida física.

— Assim é, respondeu minha companheira, senão como seria angustioso a cada alma, se depois da morte física, chegasse à conclusão repentina da falsidade de sua crença e de sua fé? Seria uma crueldade arrancar assim da alma as crenças que praticou durante sua vida terrena. Muitos crêem equivocadamente que a alma neste plano pode de um momento para outro transformar-se de ignorante em sábia. Já viste que não há nenhuma diferença entre as condições intelectuais e morais do indivíduo, antes e depois da sua morte. O progresso da alma é gradual; ela continua envolta no ambiente religioso que professou e viveu na Terra. Queres ver algo que te fará rir aqui, como te faria rir no mundo físico? Olha, em meu povo havia uma mulher que ouviu um sermão do Sacerdote o qual falava sobre os anjos rebeldes; e, sobre Lúcifer, disse: Lúcifer, que significa luz, era o chefe dos anjos, era a luz do Trono, era o mais poderoso das hostes celestiais... A mulher dormiu, e não voltou a se despertar, senão quando o Sacerdote, terminado o sermão, recomeçava a missa. Desde então, aquela mulher tão simples rezava desta maneira: “Oh! meu querido São Lúcifer, ajuda meu filho em seu trabalho”. Tudo que queria para si, e para os demais, pedia a São Lúcifer.

Minha companheira continuou: — Olha! Naquele momento, durante a invocação daquela mãe tão simples, apresentou-se uma entidade envolvida pela mentalização da mãe; era seu Lúcifer, um homem forte, com ricas roupas e jóias preciosas. Tinha um aspecto bondoso e caritativo; distribuía dinheiro à sua direita e à sua esquerda.

— Mas esta mulher morreu há muitos anos, disse eu.

— Sim, mas o fato está gravado ou registrado nos anais cósmicos. Olha como o filho foi ajudado pelo São Lúcifer fabricado pela mente de sua mãe. Mostrei este fato para que possas dar conta exata das palavras

do Cristo: “Tal como o homem pensa em seu coração, assim ele é”. As formas mentais religiosas têm aqui uma aparência muito real. Aqui é o plano dos pensamentos e das idéias; cada alma encontra aqui a realização de seus ideais. Aqui o cristão tem a única verdade; o maometano tem a única verdade e todos os demais fiéis de outras religiões e seitas crêem ter a única verdade e a verdadeira religião. Sem embargo, muitos dos crentes de uma religião aderem-se à outra ao constatarem que lhes é mais benéfica; então se reencarnam com outra modalidade religiosa mais elevada.

CAPÍTULO DÉCIMO

O Décimo Dia

Meu estado de saúde continuava o mesmo. A Senhora Ana quer que eu me alimente melhor para recuperar forças. Inventava sucos, caldas e tudo que o receituário médico aconselhava para ajudar-me na recuperação de minha carne e de minha força.

Muitas pessoas queriam ver-me; tivemos que dizer: não está. Mas, como não estou escrevendo minha autobiografia, não falarei mais, de hoje em diante, de minha enfermidade e de mim...

Ser ou tornar-se psíquico no mundo físico não adianta nada no mundo astral.

Minha amiga e guia me disse:

— A morte repentina é algo perturbadora; por isto, nas letanias católicas pedem: “Salva-nos Senhor da morte repentina”. Olha! Em um acidente de automóvel morreram algumas pessoas; quando se despertaram não se deram conta do que aconteceu e acreditavam que continuavam vivendo fisicamente. Olha este ancião como sai de seu corpo depois de uma longa enfermidade; ele se desprende de seu físico com a maior naturalidade, como uma luz que atravessa um vidro. Olha este suicida! O corpo de desejos deste pobre ser permanece consciente da própria vida da qual queria fugir. O corpo de desejos ou astral não se rompe facilmente porque está fortemente vivificado.

— Por que ele treme e se espanta tanto? — perguntei.

— O terror e a perturbação são efeitos da causa que obriga o homem a entrar em etapas desconhecidas e inesperadas. A cadeia perpétua é muito mais conveniente ao homem do que sua condenação à morte; o condenado à morte nem sempre perdoa, e assim atua como instigador de assassinatos.

— O instinto de conservação é também sentido pelos espiritualistas?

— Seguramente é dever do homem aproveitar, o mais possível, a vida física e retê-la o mais que puder.

— Existem certos chefes de religiões ensinando que os soldados mortos na batalha não sofrem depois da morte.

— Pobre humanidade que segue a estes chefes “cegos”. A Lei diz: “Não matarás”. “Amai-vos uns aos outros”. O maometano também tem a crença de que se o homem morre lutando pelo seu Credo, vai diretamente ao céu; para justificarem as guerras ante a Lei Universal Divina, inventam palavras como Pátria, Credo, Partido, Religião, etc, etc. Assim como vês, aqui são necessários muitos guias, anjos de guarda, protetores invisíveis, etc. para ajudarem na Obra do Absoluto. “As messes são muitas e os trabalhadores são poucos”.

— Mas tudo isto é muito difícil; é talvez impossível expressar estas verdades por meio da palavra, do lápis ou do pincel; no entanto, aqui se pode senti-las melhor interiormente.

— Efetivamente, aqui a alma nota algo dentro de si que não pode ser expresso perfeitamente no físico, como o concebe em sua mente. São muito raros os que realizam na vida algo das aspirações da alma. Tu, por exemplo, que és faminto de arte e sedento de saber, não te foi concedida senão uma simples migalha. Os desejos de aperfeiçoar-se e de evoluir demonstram claramente a infinita perfeição que espera a alma em sua viagem para o infinito. Diz um provérbio: “As sementes do desejo florescerão e frutificarão algum dia”. “Em todo desejo existe a certeza de seu cumprimento”. Aqui no mundo astral, todas as ciências e artes estão ao alcance e à disposição de todo ser que queira aproveitá-las. Aqui está a Biblioteca do Cosmos.

Repara quão pouca gente está aproveitando estes tesouros para exercitar suas faculdades. Os que estão aproveitando, quando voltarem à Terra, irão com a inteligência carregada de saber e com a razão fortalecida. Lá na Terra, atribuem a inteligência da criança à saúde dos pais, ao alimento, ao clima, etc. e ninguém compreende que a alma leva o seu saber daqui; os meios, lá na Terra, apenas despertam a criança e os homens; os inventores, os filósofos e os cientistas manifestam no plano físico somente aquilo que adquiriram no mundo do desejo como fruto de seus anelos de sabedoria. Todos os inventores nos dizem que suas descobertas lhes vieram como baixadas do céu. Toma como exemplo o que estou te mostrando agora; se um dia quiseses relatar em um livro o pouco do que vês aqui, o que as pessoas diriam? Um dirão que se trata de desvarios de um enfermo, e outros o tomarão a sério. Tu não és mais do que um simples observador e, no entanto, podes relatar tudo em um livro que leva o teu nome como autor.

— Segundo tenho observado, existe aqui o inferno, o purgatório e o céu. Por que os espiritualistas negam os três?

— Os espiritualistas não negam nada disto; apenas entendem as coisas diferentemente dos demais. Vamos aos fatos. Tu crês no fogo do inferno; mas, se alguém te diz que depois da morte o homem se converte em alma, como pode a alma queimar-se em um fogo material?... Já sei em que estás pensando... Que várias vezes sonhaste que estavas sendo perseguido por um animal feroz, ou que estavas voando e que sentias medo ou prazer, conforme o caso; não é assim?

— Sim, de fato.

— Pois bem, agora te pergunto: Quem te obrigou a sonhar com o urso ou com o anjo? Ninguém, senão teus próprios sentimentos, pensamentos e atos que te causaram um pesadelo irreal e absurdo. O inferno, o urso, o céu estão em tua mente e não têm uma existência real.

Não é assim?

— De fato o é, mas eu sofro da mesma maneira.

— Sem dúvida. Cada ser tem que pagar suas culpas com o castigo que ele crê merecido, porque a consciência é o juiz mais severo que

existe após a morte física. A consciência despe a alma ante sua vista espiritual; a alma depois de escutar a vez da consciência aceita a sentença como merecida e justa; começa então a sofrer ou a gozar de acordo com o seu conceito sobre o bem e o mal. Esta é a justiça da “Lei de Causa e Efeito”. ,

— E esta Lei castiga igualmente a todos?

— Esta Lei castiga na proporção da intenção e da cultura de cada ser. O castigo e a recompensa serão expressados de acordo com o conceito que a pessoa teve durante a vida a respeito do Céu e da Terra. Alguns acreditam que o inferno é um lago de enxofre fervendo para o pecador; sentem a dor das queimaduras quando se acreditam delinquentes. Embora o indivíduo procure eliminar essas idéias pelo uso da razão, o subconsciente devolve à sua mente esta deplorável educação que lhe foi imposta nos dias de sua infância, e assim sofrerá os tormentos do inferno tradicional até que chegue um anjo ou um protetor que venha para salvar-lhe de seus próprios pensamentos e idéias.

Olha! Surgiu diante de nós o Inferno descrito por vários autores de todas as religiões. Um lugar escuro, iluminado apenas pelas chamas eternas do fogo; estava formado à maneira de um poço muito fundo de paredes inacessíveis. Naquele poço sem limite achavam-se os seres condenados ao fogo do inferno. Os gritos e as lamentações infundiam horror e medo ao coração mais valente. As diferentes maneiras de tortura que atormentavam seus habitantes eram, como dizemos no mundo físico, concebidas por mentes diabólicas, isto é, mentes humanas inventoras de toda classe de sofrimento. Viam-se pessoas colocadas em enormes tachos ou grandes recipientes; o chumbo derretido ocupava o lugar do enxofre. Os demônios tal como foram pintados nas Igrejas e Templos, com chifres e rabos tendo os tridentes nas mãos, moviam os condenados nos recipientes assim como a cozinheira faz com a cebola que frita na frigideira. O uivo era verdadeiramente infernal. Necessita-se escrever um volume à parte para se descrever os horrores daquele inferno criado e inventado pelas mentes dos homens. Aqui se pode

repetir: “Tal como o homem pensa que seja o inferno, assim o será para ele”.

— Neste plano — disse minha companheira — cada um encontra o inferno ou o céu no qual pensou durante sua vida corporal. O mesmo cabe dizer da idéia do céu. A alma goza da ventura dos santos segundo seus próprios ideais e suas boas obras. Agora vais ver algo mais curioso ainda:

Estes são os materialistas, que durante a vida terrena acreditaram que tudo se acaba com a morte; eles aqui têm e sentem um estado de experiência muito curioso. Aqui se encontram em um plano de onde imaginam que foram transportados vivos para outro mundo. Eles sofrem pelo que fizeram, outros sofrem e gozam pelo bem que fizeram outros sentirem. Não são castigados pela sua incredulidade e pouca ou nenhuma fé, ou porque não professaram uma religião determinada, senão que estão por aprender a que corresponde a lição do bem e do mal. Sem embargo, esta experiência é totalmente mental provinda da vida terrena passada. A incredulidade em outra vida não mata a vida e nem altera a ação da Lei de Causa e Efeito que a todos purifica no mundo astral. Apenas ficam paralisados até que aceitem que a vida continua em outras dimensões além da física. i

— Mas agora me surge uma pergunta: Qual é o sofrimento da alma adiantada que não acredita no inferno e nem no céu?

— Estas almas sofrem pelo respectivo conhecimento que têm dos resultados de suas boas obras. Olha este médico muito consciente de seu dever; veja como ele se atormenta pela recordação de um descuido que cometeu na cura do filho único de uma mãe viúva. Seus pensamentos são os seus verdugos. Tomou a seu cargo ajudar a esta mãe, e, no entanto, não consegue dormir tranqüilo.

— Sim, estes médicos são muitos entre nós — disse eu.

— Não sejas sarcástico. Tu também em tua profissão foste algumas vezes egoísta com teus enfermos.

— Não nego; por isto sofro e estou sofrendo as conseqüências.

— Pois bem, então não zombes tanto dos que cometeram os pecados que também tiveste. Aqui não há sorte e nem falta de sorte, aqui não há venturas e nem desventuras eternas. Os seres vêm aqui para constatar seus erros, e em seguida voltam à Escola da Vida Terrena para aprenderem novas lições.

— Então o céu e o inferno da cada alma estão em seu eu! Como *Omar Khayyám* expressou-se tão bem ao dizer estes versos: “*Enviei minha alma em busca do céu e do inferno; voltou e me disse: o céu e o inferno estão em ti*”.

— Pois assim o é; se o céu, o inferno e o purgatório são criações e imagens mentais do homem, também não são prêmios e nem castigos; são meios naturais para o desenvolvimento das virtudes e para a restrição dos erros e vícios a fim de que a alma possa adiantar-se para a perfeição.

— O homem é o seu próprio Juiz.

A alma pura vislumbra maior felicidade.

O mundo mental e o espiritual são mais reais do que o mundo material.

Todas as obras e realizações materiais e espirituais do homem, tais como edifícios, pontes, sinfonias, poemas, etc. estiveram, antes, na mente de seu criador e realizador. Sua primeira existência foi em forma mental; depois passou para a forma material.

Então podemos perguntar: Qual é o verdadeiro e real criador — o pensamento ou a mão?

O primeiro concebe o assunto antes de pintar o quadro.

— é muito difícil descrever este mundo em linguagem física de uma maneira clara e adequada, segundo minha maneira de ver. Eu estou aqui contigo; vejo até a evidência e, no entanto, me é tão difícil trasladar corretamente a recordação do astral ao físico, sobretudo devido à nossa linguagem que não sabe descrever o que se há de dizer.

— Efetivamente, porque este plano está cheio de formas de pensamentos animadas, que se apresentam, permanecem por um tempo e logo desaparecem para que outras ocupem seu lugar. Olha por ti mesmo.

Vi que eram correntes de pensamentos que agitavam continuamente a matéria astral. Os pensamentos fortes persistiam por mais tempo e eram como entidades.

Minha guia explicou: — Tu já aprendeste que todo plano está composto de sete etapas e que cada etapa tem sete subdivisões ou sete sub planos. Aqui começa a dificuldade para compreender isto. Ao se dizer “etapas”, a mente compreende que elas se acham colocadas umas sobre as outras. No parque em frente ao teu quarto vêes milhares de seres e, no entanto, alguns não se davam conta da existência de outros grupos que estavam com eles. É como a luz e o ar em um aposento; ambos existem em um mesmo lugar independentemente um do outro. Assim podemos dizer também que em um quarto se acham ar, luz, magnetismo, eletricidade, energia, etc. e sem embargo podemos dizer que a luz é mais sutil que o ar e o magnetismo. Assim como os líquidos interpenetram os sólidos, assim como a água se infiltra no solo, assim como os gases interpenetram os líquidos, no entanto, a água está sobre a terra e a maior parte da matéria gasosa está sobre a superfície da água, e, ao mesmo tempo, eleva-se no ar e no espaço muito mais além do que os sólidos e os líquidos. Este exemplo pode aclarar em algo o que ocorre com a matéria astral.

Tu tens que visitar todos os planos e sub planos, é uma obrigação de todos os que querem dedicar-se ao nosso trabalho.

Estes trabalhos durante o sono desenvolvem pouco a pouco o corpo astral; com o tempo pode-se utilizá-lo como veículo de consciência em seu próprio plano, assim como se utiliza o denso no físico.

O mundo astral é o mundo da paixão e da emoção; nele se sente o ardor destes sentimentos insatisfeitos.

A treva externa citada por Jesus no Evangelho é o sétimo sub plano ou o inferno das religiões.

No Egito foi descoberto um papiro em que o Escriba Ani pergunta o seguinte: “que classe de lugar é este ao qual eu vim? Não tem água nem ar; é profundo e sem fundo; é negro como a noite mais escura; os

homens navegam sem rumo; nele o homem não pode viver com o coração tranqüilo”.

CAPÍTULO UNDÉCIMO

O Décimo Primeiro Dia

E veio o décimo primeiro dia de um enfermo que desejava a morte a fim de poder viver melhor para ser mais útil à Obra Universal.

Minha guia veio, como sempre, desejosa de me instruir e ajudar em minha superação.

— Disse-me: Olha! Vê o que podes fazer para libertar e salvar este ser.

Vi, então, um homem envolvido numa aura marrom opaca e escura; contava e recontava dinheiro; há anos só vinha fazendo isto. Não saía de perto do dinheiro. Seus olhos ávidos e desconfiados diziam de seu medo e de sua preocupação; sua face macilenta dizia de seu cansaço. Em sua vida física queria somente ganhar dinheiro; pensava que o dinheiro era tudo. Esqueceu-se de servir desinteressadamente, esqueceu-se de fazer do dinheiro um veículo do bem-estar social; não se interessou e nem deu o devido valor à vida espiritual. Depois de sua morte desconheceu o seu novo estado de vida; permaneceu atado ao que mais lhe interessou na Terra.

Respirei fundo, fui ao profundo de mim mesmo e voltei para dizer ao homem, isto é, dizer, não em palavras, e sim em pensamento e sentimento:

— Amigo, descansa!

Nesta palavra “Amigo” injetei todo o meu caudal de amor, enviando a este ser o máximo de amor que podia dar; nesta palavra estava todo o meu sentimento de união ao Princípio Divino deste homem; esta palavra, saída de dentro de meu Ser íntimo, atravessou as

camadas espessas que o envolviam; atravessou os obstáculos mentais e sentimentais de avareza alojados em seu ser, e foi direta ao seu Centro Interior; vi, senti que esta palavra saiu de mim envolvida na cor rosa com matizes de lilás. Esperei um curto instante, e em seguida percebi que o homem sentiu um impulso de dentro para fora que o sacudiu e o estremeceu; parou de contar o dinheiro, olhou-me, com outros olhos, e disse-me:

— Sim, estou exausto! Quero dormir. Confio que você tomará conta de meu dinheiro. Encostou-se na cadeira de espaldar e ali mesmo adormeceu, ficou em condições, ou em estado receptivo.

Senti compaixão deste homem tão rico... E tão pobre...

Neste momento surgiu um ser de luz e libertou sua alma.

Minha companheira falou:

— Ele alçou a outro sub plano para receber ajuda e seguir adiante. Sabes por quê? Teu amor fez com que confiasse em ti, entregando-te aquele dinheiro que o escravizava.

Continuou ela: “O Iniciado tem que baixar ao mundo dos desejos inferiores para iluminar seus habitantes. O seu pensamento puro e altruísta é como torrente de luz que rompe as trevas e as vibrações baixas. Tanto a amigos quanto a inimigos, o Iniciado envia igualmente sua “luz.”

— Como? — perguntei — Não são aos amigos aos quais devemos e aos quais temos o dever de enviar nossos átomos divinos de amor e gratidão?

Ela me respondeu assim:

— O Nazareno disse: “Eu não vim para os sãos; eu vim para os doentes”. Os sãos estão NELE e ELE neles. Os amigos estão recebendo constantemente pelo elo existente; os inimigos precisam ser tocados interiormente pelo nosso amor e compreensão. “Pai, eles não sabem o que fazem; perdoa-os” — disse também ELE.

Sabe — continuou ela — que cada palavra deve estar impregnada e banhada pelos eflúvios do amor e pela luz da verdade. O amor desperta o amor adormecido. Todos os seres — sejam santos ou não — têm o

átomo divino do Amor Puro em si. Enviando eflúvios de amor, o átomo Divino do Amor se desperta no ser ao qual se lhe enviou Amor. O amor no Centro da Vida de cada ser tem sua força e seu impulso cheio de Vida e Sabedoria. Por isto este homem, acorrentado à sua ambição desmedida, sentiu o amor em tua palavra; despertou-se de sua hipnose e tranqüilizou-se.

— Sim, por vezes tenho sentido e observado o poder miraculoso — como se diz — da palavra, porque ela é uma energia dinâmica invisível que emana do ser humano para cumprir seu objetivo.

— A palavra tanto acorrenta quanto liberta; tanto mata quanto ressuscita. Medita sobre esta dádiva, sobre esta força à disposição de cada ser.

Meditação é introspecção e reflexão; conduz-nos à Verdade, à Libertação, à Felicidade a serviço da Obra do Senhor.

— Existem diversas Escolas de Ocultismo que ensinam vários métodos de meditação, às vezes, aparentemente antagônicos. Como devo entender?

— De fato; e todas Elas têm suas próprias razões; porém, a meditação é algo individual. Muitos seres e estudantes bem intencionados esbarram aqui; forçam os seus portais interiores, esforçam-se e nada conseguem, apesar de seguirem os métodos que lhes foram ensinados.

— Por que não conseguem chegar ao Centro da Vida em si mesmos? — perguntei.

— A Lei, que é Força Divina Propulsora, é uma só e única, porém cada ser tem suas próprias condições para receber a Lei e transmiti-La. Meditar não é forçar e nem se esforçar como em geral se entende. Meditar é enviar ao Centro o pensamento sincero sem vacilações; é fazer a pergunta correta dirigida ao Intimo ou ao Universo; e, em seguida, esperar confiando e trabalhando. Há pessoas que recebem a resposta durante o sono; outras no ato da meditação, outras em meio à multidão, outras trabalhando ativamente em suas profissões, outras quando em oração. Deve-se estar atento e confiante, contente e tranqüilo para

“escutar-sentindo” a Voz Silenciosa. A Voz Silenciosa percorre o mundo interior e exterior.

Quanto ao prazo para o recebimento da resposta, é algo muito individual: uns mais cedo, outros mais tarde, o que depende de vários fatores.

O homem deve dedicar diariamente alguns minutos à meditação; assim irá descobrindo como executá-la, cada dia, mais perfeita. A meditação é alimento para o Espírito.

Meditar é também orar. Orar é “arar” o terreno interior, revolvê-lo e limpá-lo para o cultivo da Semente Divina. Um segundo de meditação correta vale mais do que cem anos de oração mecânica. Num segundo de meditação correta pode-se entrar em contato com o íntimo, cuja sabedoria e poder nos dá a inspiração do caminho certo para nos aproximar do Mestre e receber suas instruções, se for o caso.

— Sim, agora compreendo e, sobretudo, agradeço-te. Compreendo agora que todos os tratados sobre Meditação resumem-se em sabermos entrar com amor dentro de nós e dentro de cada ser para servir à Obra Universal, sem buscar recompensas de espécie alguma.

— Amor — disse ela — tu estás no Caminho. Eu te bendigo. Sou eu quem deve agradecer-te.

Há muito que se fazer no mundo astral.

Só o Amor Puro e desinteressado pode nos levar ao Íntimo.

Só o Amor Puro para servir pode firmar nossos passos no Caminho.

Só o Amor Puro pode alentar o nosso ânimo, temperar e retemperar nossas forças.

Só o Amor Puro pode nos levar ao Mestre.

Só o Amor Puro pode nos fazer verdadeiros e fiéis servidores, felizes, sem cansaços e sem decepções.

O Amor não se define. Ele, porém, se desdobra nas infinitas virtudes e qualidades humanas; Ele É desde a coesão atômica até ao mais elevado sentimento. É a Força indômita da Vida, desde o mineral ao vegetal, ao animal, ao homem, ao divino.

Lembro-te agora mais um aspecto importante que é o seguinte: Segundo os autênticos Mestres, não se deve forçar o desenvolvimento do corpo astral por meio de métodos artificiais. Método algum deve ser intentado antes da purificação pelo Amor Consciente. Sem embargo, é necessário anular completamente os desejos baixos e grosseiros; porém não significa isto que se deva matar a força pura do desejo, ou a força do desejo puro, e, sim, eliminar ou dissolver a baixa e grosseira forma do desejo.

O estudante ou neófito deve estar sempre UNIDO à FONTE da VIDA, pois cada um de nós é um Raio ou Emissão da VIDA ÚNICA. O sentimento e a idéia da UNIDADE lhe dão força para empreender a Obra de seu aperfeiçoamento a serviço dos demais.

— Mas o homem no Caminho é muito tentado — disse eu — e nem sempre consegue vencer a tentação.

— Não só o homem; também os Mestres, os Adeptos, os Seres Excelsos foram e são tentados. Considera o exemplo de Jesus, no deserto. Como poderíamos progredir sem a tentação? Temos que aprender a usar a força da tentação para superá-la. A Força Universal está em cada átomo da tentação. Só usamos bem a força da tentação para transformá-la em Luz, quando “dizemos-sentindo”: Pai íntimo ilumina-nos no Caminho do Amor e ajuda-nos a triunfar sobre a tentação.

Educar, desenvolver e aperfeiçoar o corpo dos desejos e das emoções, eis um trabalho necessário.

— Como dominar os desejos e as emoções — perguntei.

— Eu não disse dominar ou controlar por meio da vontade; disse: “educar” porque “educar” é um ato superior. O corpo astral ou dos desejos deve se tornar veículo da Consciência do Homem Real.

Podemos nos educar por meio da Meditação que nos conduz ao Mestre.

Amor! Devo ir-me mais cedo esta noite! Outro trabalho me espera.

Até amanhã! — disse ela, e desapareceu.

Despertei-me e não dormi mais.

Eram 4 horas da manhã.

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

O Décimo Segundo Dia

Minha companheira me disse:

— Sabes o significado das quatro provas às quais são submetidos todos os neófitos das Ordens e Escolas Secretas, e qual a sua relação com o nosso plano?

— Não — respondi.

— As quatro provas que o neófito deve sofrer na Maçonaria ou em outras Sociedades Secretas têm um mistério muito profundo, porém ao mesmo tempo é muito simples para os que vivem aqui. Tu, por exemplo, em tuas obras explicas que estas provas significam que o homem ao ser submetido à prova da terra deve dominar seu corpo físico; ao sofrer a prova da água deve dominar o corpo astral; a do ar representa o corpo mental e a do fogo, o emocional; e arrebatas até o céu para servir à Obra Divina. Tudo isto pode ter uma parte de razão e de verdade, mas não totalmente.

A iniciação Maçônica com os quatro elementos tem por objetivo familiarizar o neófito para livrar-se dos obstáculos que esses elementos representam, os quais se não forem superados virão impedir o seu adiantamento. Uma pessoa gorda no mundo astral crê que não pode passar por uma janela estreita, enquanto que este obstáculo não existe aqui. Pois bem, a verdadeira Iniciação ensina ao discípulo que este obstáculo não existe absolutamente, porque se ele quiser pode passar através de uma montanha. Isto se chama PROVA DA TERRA; assim são as demais provas no corpo de desejos, no corpo mental e psíquico, ou emocional. O neófito precisa familiarizar-se com eles e neles, para o

adiantamento que se efetua nos graus. Aqui não se tem a sensação de saltar não simplesmente de voar ou flutuar no ar.

Sonhaste alguma vez que estavas voando?

— Não só uma vez, e sim muitas vezes.

Esta é a maneira usada em corpo astral depois da morte.

Contempla agora a luz neste plano. Ela não vem de nenhum sol nem de uma direção determinada. Ela é produto de toda matéria astral que é luminosa e de fogo vivente. Aqui não existe a obscuridade. As trevas estão na crença dos seres que estão convencidos de que o inferno está nas trevas. Aqui não há noite nem sombras porque os corpos astrais são transparentes; não existem condições atmosféricas e climatéricas.

Olha como as correntes vibratórias arrastam ao acaso os homens sem vontade. Como há mais atividade aqui, é muito fácil esquecer-se de acontecimentos e pessoas.

— Eu conheço aqui algumas pessoas que nunca vi. A que se pode atribuir este fenômeno?

— Tu conheceste estes seres durante o sono e em outras vidas. Este mundo astral chama-se também o mundo das ilusões. Sabes por quê?

— Não tenho nenhuma idéia disto.

— Pois bem; lança o teu pensamento para a idade em que eras jovem enamorado.

— Pronto — disse.

— Olha agora a ti mesmo.

Contemplei a mim mesmo e me certifiquei de que eu era jovem de vinte anos, e então exclamei:

— Que maravilhoso! Estou rejuvenescido!

— Pois bem, se tu queres podes permanecer assim. Agora outra coisa: estudaste algo da 4ª DIMENSÃO?

Pois aqui está a 4ª Dimensão, posto que os objetos sejam vistos de todos os lados ao mesmo tempo.

— Que revelação! Até então eu não sabia o que acontecia comigo; isto porque eu havia acreditado que minha visão era defeituosa, ou que

todas as coisas aqui eram de vidro transparente. Muitas coisas, para mim, são totalmente desconhecidas.

— Sem embargo, a visão astral aproxima-se mais da verdadeira percepção do que a visão física.

— Eu vejo em todas as coisas algo que circula através delas e irradiando delas.

— é a vida universal que tudo compenetra; isto se pode constatar pelas irradiações ou aura que emanam de todas as coisas.

— Não sei a que atribuir um fenômeno que me implica. O número de minha casa é 842; no entanto, neste estado, eu leio 248. Por que será?

Minha companheira sorriu e disse:

— Já olhaste alguma vez os panoramas ou casas por meio do espelho? Pois tudo se inverte. O mundo astral é a contraparte ou o espelho do físico. Do mundo astral também se vê o físico ao revés. Tu escreves em teu idioma da direita para a esquerda; no mundo astral terás que lê-lo da esquerda para a direita; enquanto que os idiomas latinos são lidos também ao revés, isto é, da direita para a esquerda.

Todo servidor tem que se familiarizar com o mundo astral para que se sinta mais próximo da realidade das coisas.

Já viste e constataste que a comunicação de idéias aqui se efetua por meio do corpo mental.

— Há uma coisa que me preocupa, mentalmente. Devo trabalhar, sempre assim, no sono?

— Podes trabalhar no sono e na vigília; mas, para que teu trabalho neste último plano seja perfeito, é necessário que te familiarizes com os efeitos do mesmo. Esses efeitos têm sua origem e sua fonte no mundo astral. Para compreender tudo isto é necessário estudar o fenômeno do sono. O sono é o efeito do cansaço produzido pelo desgaste que o corpo físico teve pelos trabalhos, pensamentos e sentimentos. O corpo astral, cujo objetivo é mover as partículas do cérebro físico, cansa-se mais ainda e mais rapidamente desse trabalho estafante; por isto necessita estar separado do físico durante longo tempo a fim de recuperar forças para recomeçar seu trabalho. Por tal motivo tu tens justa razão em dizer

que o corpo astral não se afasta do físico durante a vida material; mas, depois da morte, o astral em seu próprio plano é incapaz de sentir fadiga, e pode trabalhar vários anos consecutivos sem ter sinais de esgotamento. As emoções cansam o homem; um organismo cansado afeta o trabalho do corpo astral. Para que o homem possa atuar, durante o sono, com o seu corpo astral, deve ter uma consciência perfeita do mundo astral; para isto é preciso chegar à maestria de saber eliminar suas paixões, desejos desenfreados e atos incorretos; assim poderá atuar livre e utilmente neste estado durante o sono físico. De outra maneira não terá a menor recordação de seu trabalho e nem tampouco será sempre eficiente o seu trabalho. Para se poder recordar a vida no sono bem como seu trabalho, é necessário desenvolver o Centro Pituitário, o qual capta as vibrações astrais. Aquele que se dedica ao trabalho espiritual deve servir no mundo físico e no astral, indistintamente. Com o tempo e o serviço impessoal, a pessoa avançada abre a porta que comunica o mundo físico com o astral.

— Por que o homem não se recorda de seu trabalho no mundo astral e o que lhe impede esta recordação?

— Porque são mais do que raros aqueles seres que chegaram a adquirir o domínio da mente, isto é, que sabem pensar, que sabem se concentrar à vontade. Estes seres são os únicos que podem trazer ao cérebro físico a recordação de sua atividade neste mundo; seus sonhos são vívidos, razoáveis e até proféticos e instrutivos. O cérebro físico treinado responde às vibrações mentais, com maior facilidade. “Antes de dormir, deve-se rezar” é um bom conselho, porque o último pensamento antes de se entregar ao sono deve ser nobre, elevado para produzir uma nota pura e atrair influências e seres da mesma índole que tendam a despertar altos pensamentos, bem como desejos celestiais puros. A pessoa que ao dormir tem pensamentos elevados atrai a si, durante o sono, elementais afins aos seus pensamentos.

— E os seres psíquicos na vida física não têm nenhuma vantagem no mundo astral?

— Uma pessoa física tem um corpo físico algo mais sensitivo do que as demais, porém quando deixa o corpo físico torna-se igual às demais. Ter uma faculdade psíquica não significa um adiantamento espiritual. Deves saber, uma vez por todas, que o único adiantamento está em servir silenciosamente e incognitamente; tudo o mais aqui não tem nenhum valor.

— E eu... que tanto trabalhei para desenvolver a clarividência e demais faculdades psíquicas!

— Vês! Aqui não há clarividência que tenha valor. Aqui valem somente as obras, as quais serão como guias no mundo dos desejos. A pior vida aqui é a do homem que teve uma existência inútil, vazia de todo interesse elevado em consequência de um viver dissipado em satisfações egoístas. Esse nunca poderá aqui satisfazer seu desejo. Seu estado de consciência é um inferno horrível. A ele aplica-se o mito de Prometeu que, atado a uma rocha, os abutres devoravam seu fígado, e este crescia sempre, em vez de diminuir. Este símbolo demonstra o homem torturado por causa de seus pecados na vida.

— Segundo vejo, a vida depois da morte é muito melhor do que antes dela. Esta gente que está diante de nós vive feliz porque não sente que tem deveres a cumprir. Desta maneira os vivos nos corpos físicos são e estão menos livres; estão também mais entorpecidos pela matéria física do que aqueles que vivem sem corpo.

— E depois?! Até quando se pode viver sem trabalhar? Em verdade, aqui ninguém obriga outra alma a trabalhar; mas, aqui, não ter ocupação é uma parte da tortura do inferno. Olha! Naquele momento vimos muitos seres sentados como se estivessem colados à terra. Não queriam mover-se. Eles desejavam descansar por toda a eternidade. Porém, muitos deles, já se consideravam desgraçados pela imobilidade. Querem abandonar sua inércia e desejam voltar à vida terrena apesar do trabalho e das canseiras que há nela. Eles invejam os vivos e querem ansiosamente voltar à Terra para trabalhar.

— Aqui se aprende de tudo antes do nascimento no mundo físico?
— perguntei.

— O ser humano aqui é livre de fazer o que quiser. Neste mundo a gente aperfeiçoa o que aprendeu no mundo físico. Aqui não se aprende nada; a aprendizagem é na vida terrena; o aperfeiçoamento pode ser adquirido aqui. Aqueles seres que estão interessados em música, ciência, arte, literatura, etc. encontram neste mundo a fonte da inspiração para se aperfeiçoarem; aqui estão os verdadeiros mestres da arte e do saber. O artista tem à sua disposição todas as belezas do mundo astral. Aqui se pode ir com o mental — mesmo antes de morrer — de um lado a outro e apreciar as belezas da natureza com mais facilidade do que em corpo físico. Todas as bibliotecas e laboratórios do mundo estão à disposição de quem quer aprender para servir. Esclareço que no mundo astral não se aprende uma profissão nova; no entanto, pode-se aperfeiçoar o aprendizado da profissão que já se tem. Daqui o médico pode contemplar o efeito do remédio no organismo do enfermo e pode aperfeiçoar-se em sua especialidade. Aqui a vida é muito mais ativa e a satisfação é muito mais profunda. Qualquer um aqui pode empreender um estudo de sua especialidade e adquirir idéias novas e avançadas, segundo seu infinito desejo de perfeição.

O homem que na vida corporal física dedicou seu pensamento e energia às coisas espirituais tem o caminho aberto para adaptar-se a condições mais vantajosas, pois sua mente completamente desenvolvida tem o ingente poder de captar as mais amplas possibilidades de uma vida mais elevada. No entanto, um homem de pouco interesse para as coisas elevadas não progride e nem se adapta a condições mais vantajosas porque sua mente está atrofiada e não tem poder para captar algo superior. Seu progresso é muito moroso aqui.

— Sem embargo, vejo que esta gente vive aqui muito feliz, talvez mais do que os inquietos pelo adiantamento espiritual — disse eu.

— É um fato, porque os prazeres astrais são muito mais intensos do que os do físico; por tal motivo corre-se o perigo de desviar-se da senda. Mais cedo ou tarde, esses prazeres cansam a alma e ela começa a sentir-se enfasiada daquele estado; assemelha-se ao homem que se deleita com os primeiros copos de bebida alcoólica, mas quando se excede

acaba por sentir náuseas e dores. As delícias do astral não oferecem perigo ao ser adiantado; ao contrário, ele procura passar rapidamente ao mundo do serviço e não cede aos prazeres do mundo astral.

— Haverá quem possa resistir a esses prazeres?

— A mulher honrada não se entrega senão ao seu marido, mesmo que lhe ofereçam todo o dinheiro do mundo.

— E quantas são e quantas estão no mundo físico capazes de atravessar este obstáculo?

— Por tal motivo todas as religiões aconselham a não se entregar muito ao prazer físico; e quem pode dar divertimentos e prazeres à carne? São os ricos, os cheios de fortuna e os que vivem de uma maneira folgada e preguiçosa. Para esses, disse Jesus: É mais fácil um camelo passar no buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino do Céu. E em outra ocasião, disse: Onde está teu tesouro, aí está teu coração. Depois da morte deve-se fazer asceta para não ceder aos refinados prazeres, e deve-se tratar de passar rapidamente ao mundo mental. O homem tem o poder de acelerar ou entorpecer seu adiantamento depois da morte. Sempre está gerando “Causa e Efeito”, porque sempre pode atuar e escolher.

— Seguramente porque aqui as almas que se queriam na Terra encontram-se novamente — disse eu.

— Sem a segurança de alcançar o céu, seria uma farsa e não haveria esperança para as almas. Aqui se realizam todas as aspirações do coração humano; sem esta esperança e segurança a vida celestial não teria razão de existir e ser. No estado celestial se fortalecem, na alma, os laços que a liga aos parentes e amigos; pode a alma também contrair novas amizades. Olha com quem te encontre na vida desta vez: então apresentou-se diante de mim uma mulher que ia a galope num cavalo. Tinha em sua cabeça uma espécie de turbante; sua roupa era de seda fina; o cavalo era de raça pura. Ela ia à frente de seu exército, e suas tropas lhe seguiam no mesmo galope.

A mulher era formosa e imponente. Via-se que seu valor equivalia ao seu adestramento na arte de combater e de guerrear. Ela ia defender

uma pequena aldeia que foi atacada por um bando de salteadores. A batalha começou de dois lados, e os bandidos, por fim, foram aniquilados, tendo sido salvos muito poucos. Minha guia disse:

— Esta mulher foi...

Tac, tac, tac, e a porta de meu quarto abriu-se. Eu me despertei, e sem dar-me conta, perguntei:

— Quem foi esta mulher?

Minha amiga não me ouviu, ou se ouviu não compreendeu o que eu disse. Mas respondeu:

— Sou eu sim, — e continuou — o médico está aqui. Benditos sejam todos os médicos do mundo, pensei com desgosto.

Quem seria aquela mulher? Neste instante, o médico entrou.

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

O Décimo Terceiro Dia

— Neste dia o médico não estava também satisfeito. Minha amiga estava nervosa.

Eu estava feliz e indiferente ao meu estado físico. Sim, esta é a morte.

Para que aferrar-se tanto a esta vida física? — pensei.

Quão ignorantes somos na Terra e quão errados estamos em nossos conceitos e idéias sobre “o mais além”, ou “a outra vida”!

Para mim, o homem não deve pensar nem na vida e nem na morte, e sim na Obra, em sempre trabalhar para o benefício dos demais; então, sentirá o céu em seu coração. Por isto Omar Khayyám disse: *“O céu e o inferno estão em ti”*.

Passei o dia molestado, mas estava intimamente feliz.

A morte! O que é a morte? Bendita seja a morte que me livra de uma carga pesada. Mas deixemos de filosofar. A morte é a morte e a vida é a vida; sempre serão diferentes no conceito da humanidade que considera a existência física como uma realidade vantajosa.

Felizmente o dia passou e a noite chegou.

E chegou a hora do encontro.

Minha companheira continuou suas instruções como se nunca houvessem sido interrompidas, e foi dizendo:

— Não somente os seres queridos se reconhecem aqui, senão também os laços de amor entre parentes e amigos são fortalecidos; contraímos também novas relações e nos simpatizamos com outros seres que não havíamos conhecido na Terra. Aqui se contraem amizades muito puras, depois de terem sido consumidos pelo fogo os afetos sinistros. Aqui encontrarás com alguns seres que têm, em comum contigo, os mesmos anelos e aspirações com os quais cultivarás amizades duradouras. *“Tudo o que pedirdes em meu Nome, vos será dado”*, disse Jesus. Aquilo que a alma cultivou na Terra, encontrará aqui frutificado. Recorda-te do que pediste e do que recebeste, e, desta maneira, dar-te-ás conta de que o Divino Jesus nos legou uma Verdade Imortal. O amor puro dos noivos ou do casal continua aqui e tanto no Céu quanto na Terra, sempre que seja puro sem manchas. Esta regra aplica-se também para unir pais, mães, filhos e Irmãos. O amor desinteressado é tão poderoso como a vontade do próprio Deus, porque Deus é Amor. O Amor é que nos eleva aos níveis superiores do pensamento e da vida.

Olha por ti mesmo este plano.

“Que felicidade! Oh! Como posso descrever com palavras terrenas a alegria celestial? Vi-me cercado e agasalhado por todos os seres amados que conheci na Terra antes de abandonarem seus corpos físicos, meus amigos e parentes que me manifestam uma profunda simpatia. Não me é possível descrever tudo isto; as palavras são insuficientes para representar a verdade. Ali estavam todos os seres queridos à minha espera, do mesmo modo como quando um viajante, depois de vários anos de ausência, ao voltar à sua casa, encontra todos os seres amados à sua espera. Tive até o sentimento terreno de chorar de alegria. Pensei em não voltar atrás, isto é, ao corpo físico.”

Minha companheira continuou:

- Sabes como e por que tiveste a sorte de chegar até aqui?
- Creio que não foi por merecimento.

— é porque cultivaste, embora por pouco tempo, a música, a pintura e a poesia; pois o amor a essas artes alça o homem acima do ambiente material que comumente o rodeia.

— Oh! Quão preguiçoso fui! Por que não cultivei as três artes como eu desejava?

— Foi para praticar outra profissão tão humanitária a qual te conduziu ao estado no qual te encontras.

Agora podes te despedir dos seres amados, porque tens muito que trabalhar aqui. Algum dia realizar-se-ão teus anelos de amor e companhia nos planos superiores.

— Mas não é possível interpretar esta ventura com palavras.

— Recordas do que disse Paulo, o Apóstolo, a respeito deste estado?

“Nenhum olho humano e nenhum ouvido viu e ouviu o que Deus preparou para seus eleitos”

No entanto, até agora, tu não viste nada deste céu preparado para os trabalhadores da Vinha do Senhor. Por mais que queiras descrever isto com palavras, seriam incompletas e frias.

— Agora compreendo algo do que nos foi ensinado: *“O céu não é um lugar; o céu é um estado de consciência, variável segundo o indivíduo”*.

— Efetivamente, estar no céu com os seres amados significa achar-se no mesmo nível de consciência com eles. A harmonia entre as almas coloca-as no mais íntimo contato que não se pode imaginar.

Aprende esta lição para trabalhares na Obra: *“Pensar detidamente em um ser é chamá-lo. Chamá-lo com amor é atraí-lo. Atraí-lo para agradecer, aconselhar e guiar, é ajudá-lo.”* Não são necessários evocações e nem médiuns. A mente pura e cheia de amor tudo resolve. Com estas três condições podes salvar muitos seres, assim como Cristo nos salva diariamente. O amor é a pauta, o amor é a escala, o amor é tudo.

— Então dois amantes — amantes verdadeiros — na Terra podem estar no céu num arroubamento amoroso?

— Apenas quatro em um milhão de casais.

— Nada mais?

— No entanto, são suficientes para impedir a destruição da humanidade atual devoradora e profanadora do sexo.

“Cada vez que um homem e uma mulher se unem, alguma coisa se cria e esse algo criado irá evoluindo até atingir a sua meta; a união sexual é um ato criador e tudo o que valha a pena criar, deve ser útil e bom. O sexo e a santidade são duas linhas paralelas que se encontram em Deus; os olhos do libertino e a visão do fanático não admitem este encontro, é possível a santidade no sexo? — Sim, respondem as religiões esotéricas. Há sexualidade carnal e espiritual (santa); a carnal, propriamente dita, é cegueira e morte; a espiritual é a ressurreição eterna da verdadeira vida. Se a origem invisível é santa e pura, o visível também pode ser santo e puro. Quem ama a pureza pode buscá-la e encontrá-la no próprio sexo. A sexualidade carnal é fruto do desejo impuro; a espiritual é o desejo sublime para criar o que é santo e servir à Obra Divina.”

— Mas isto é tremendo. Como se deve inculcar este ensinamento no coração dos homens e das mulheres?

— Sem dúvida, isto não é fácil de ensinar aos homens que têm o conceito de que o gozo sexual é tão necessário como o comer e o dormir diariamente.

— Se amo a uma mulher, e se ela está mais elevada do que eu neste plano, como devo comunicar-me com ela, estando os dois em sub planos diferentes?

— Aqui a alma sente a atração simpática do ser amado em um sub plano inferior. Então estabelece com ele um enlace telepático de sorte que possibilita a relação mental e espiritual entre ambos que é muito mais íntima do que qualquer relação na Terra. Para explicar isto aos profanos podemos tomar, por exemplo, o telefone que foi aperfeiçoado há poucos anos. Pode-se falar por ele, ouvir-se a voz e ver a figura de quem fala, em um aparelho situado do outro lado do continente.

Há ainda outra solução como já vimos; a alma pode visitar os seres queridos que se acham nos sub planos inferiores ao seu; desta e de outra maneira efetua-se a associação das almas no mundo celeste.

**AMOR É A PALAVRA MÁGICA QUE ELIMINA TODO
TEMOR E QUE OUTORGA PAZ E FELICIDADE.**

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

O Décimo Quarto Dia

Vieram me visitar, minha irmã e minha sobrinha.

Minha irmã Nasha é muito carinhosa comigo e sempre foi assim. Minha sobrinha Maria é uma estudante de leis; admira-me e se sente orgulhosa ao falar do tio Jorge. Não sei o motivo e nem o porquê. Estiveram comigo durante o dia e eu passei algo aliviado com elas. Como moram longe, regressaram de tarde, levando o recado de não dizerem a ninguém de meu estado e nem onde estou. Não queria que ninguém soubesse de minha enfermidade porque eu escrevi e afirmei em meus livros que a enfermidade é um pecado vergonhoso, assim como o pecado é uma enfermidade que mancha a reputação.

Passei um dia agradável com minha irmã e minha sobrinha, e bem assim com minha anfitriã, que se portou à altura.

De noite dormi e em seguida entrei no mundo chamado de “O Mais Além”.

Minha companheira me disse:

— De hoje em diante vais melhorar fisicamente.

— E tu vais me deixar? Não te verei mais?

— Se aproveitas todos estes ensinamentos e os põem em prática, me verás quando quiseres. Eu estou mais perto de ti do que o teu alento.

— Fico-te muito agradecido por tudo.

— Bom, agora ao trabalho.

— Diga-me, amor. Eu tenho assistido a certas sessões espíritas e visto algo surpreendente, como, por exemplo, moverem-se enormes peças e o uso de forças irresistíveis.

Minha companheira disse:

— Há várias maneiras de se produzir esses fenômenos.

1º — Por vibração da nota chave do objeto; desta maneira pode-se produzir as vibrações simpáticas. Ante a nota chave, poder algum é capaz de resistir. Leste na Bíblia a destruição das muralhas de Jericó por meio do som e da música? Pois este é um dos vários métodos.

A PALAVRA FALADA construiu o Universo pelas vibrações estabelecidas.

“E a Palavra se fez carne e habitou em cada um de nós”, disse São João. Aqui no plano astral a matéria ó muito mais sensível às vibrações simpáticas, e assim agrega seu poder vivente ao impulso geral cujo poder e resultado não têm limite nas mãos dos Adeptos.

2º — A energia que dorme na matéria pode uma parte dela ser libertada, assim como o homem utiliza uma parte de seu magnetismo para aliviar uma dor ou influenciar seres.

3º — Existe uma Energia Vital que obedece ao ocultista que a maneja com facilidade. Mediante sua aplicação é possível produzir e utilizar sem perigo esta força formidável.

4º — A mais fácil de utilizar é: existem na superfície da terra certas energias que fluem de pólo a pólo, como as que fluem no homem da direita para a esquerda e vice-versa. Essas forças são irresistíveis, como o furacão e maré alta. Os Mestres conhecem o método e aplicam conscientemente essas forças sem perigo algum.

5º — Existem certos seres vivos que possuem a maneira de entregar uma parte desta energia, que está neles mesmos, a outros que já abandonaram seus corpos, e por meio desta força trazem, quase instantaneamente, objetos de grandes distâncias.

6º — Existem certas palavras mágicas que os Adeptos sabem pronunciar e que produzem efeitos ingentes no organismo humano e na atmosfera.

Existem certos seres e almas que mediante a ação de suas vibrações rápidas se sobrepõem à força de coesão das moléculas do objeto sobre o qual operam. Desta forma, o que os spiritistas chamam de TRANSPORTE, é uma vibração elevadíssima que desagrega as moléculas do objeto em seus átomos constitutivos.

— Agora já entendo — disse eu. Meu corpo reduzido ao estado etérico pode ser trasladado de um lugar a outro com grande rapidez; uma vez estando no lugar desejado, a força aplicada no trabalho se retira; então o objeto volta à condição original pela pressão etérica.

— Efetivamente é assim; e para esclarecer melhor podemos compará-lo com o gelo, que por meio do calor se transforma em água e logo em vapor; mas também por um procedimento inverso o vapor se transforma em água e em gelo. Desta maneira se efetua o que se chama TRANSPORTE, ou a remoção de objetos de grandes distâncias ao lugar da Sessão; uma vez desintegrado pode passar com suma facilidade através de qualquer substância sólida tal como a parede de um edifício, ou de uma caixa de ferro fechada, para em seguida materializar-se no lugar desejado.

— Então é desta maneira que se efetua os fenômenos de precipitação e da escrita em papel ou quadro negro?

— Não é verdade. A precipitação de imagens ou letras se produz pelo poder da imagem mental do mago que deseja que apareçam no papel tais imagens ou letras; enquanto que a escrita em quadro negro se efetua pelo mesmo método ou por meio de materialização de mãos para traçar a escrita.

— E a levitação que se efetua nas sessões espíritas?

— Vamos ver uma sessão de levitação e compreenderás melhor.

Naquele momento estávamos num grande salão onde havia muita gente que contemplava um corpo humano que flutuava no ar. Ao fixarme no médium vi que seu corpo estava sustentado por várias mãos de espíritos.

A profunda meditação — disse minha companheira — elimina muitos átomos grosseiros do físico, e com o tempo vão sendo

substituídos por átomos sutis e espirituais. A levitação em certos seres sublimes como Santa Tereza e São Francisco de Assis realizou-se de maneira natural devido à pureza em que se encontravam. Neste mundo ocorrem coisas ou fenômenos que são tidos como milagrosos no mundo físico e ocorrem sempre assim, como por exemplo:

Entidades que, assim como objetos, aparecem e desaparecem.

Objetos retirados de caixas fechadas.

Objetos trazidos de grandes distâncias no momento.

Não existe o espaço para este estado.

Podem se inverter as coisas assim: uma xícara se torna em um prato.

Todas as partes de um objeto são vistas simultaneamente.

Pode-se ver ao mesmo tempo toda a matéria escrita em um livro fechado.

— Então o mundo astral é quadrimensional.

— Efetivamente é assim e o mundo mental é de cinco dimensões, o anímico tem seis, o espiritual tem sete. Sem embargo muitos que desenvolveram a consciência astral são incapazes de perceber a quarta dimensão. Conquanto estas instruções sejam úteis não são muito necessárias no momento. Agora temos que estudar e enumerar, embora sumariamente, as entidades astrais.

Descrever todos os habitantes do mundo astral é uma tarefa tão impossível como a descrição de todas as entidades físicas. Tudo o que posso fazer por ti é levar-te e mostrar-te, em grandes lances, as classes principais. Vamos agora penetrar e estudar as classes humanas que são os vivos e os mortos.

Agora podes ver os vivos fisicamente que estão no estado do sono; eles se dividem em quatro grupos:

1º — As pessoas comuns que dormem segundo o físico e flutuam pelo mundo astral em vários graus de consciência. Já te foi explicado anteriormente à causa do sono que consiste em que os corpos astral e físico cansam-se um do outro; o astral pelo seu trabalho pesado de mover as partículas do cérebro físico do qual precisa ficar separado por

um longo tempo a fim de recuperar forças com as quais recomeça sua cansativa tarefa. Assim vemos que, enquanto o físico dorme, o astral ou alma descansa e o mental continua trabalhando e flutuando em vários graus de consciência. Sem embargo, a alma em seu próprio plano, isto é, sem juntar-se ao corpo físico, é incapaz de sentir fadiga como acontece depois da morte do corpo físico ou com a separação definitiva dos dois. Olha este corpo dormindo.

Depois de contemplá-lo durante um momento, perguntei:

— O que é esta coisa que entra como uma torrente neste corpo que dorme?

Ela respondeu;

2º — Quando o físico dorme e a alma (astral) descansa, a pressão anímica que rodeia o corpo faz que outra matéria da mesma classe — que foi perdida — ocupe imediatamente o espaço deixado ou, em outras palavras, que por meio do sono recupera a energia que os membros perderam por causa do trabalho.

3º — Temos visto alguns corpos astrais que trabalham conscientemente durante o sono do físico.

4º — E durante a vigília também — disse ela — mas esses são os Mestres cujos cérebros estão sempre ativos em vigília e durante o sono; esses Seres estão sempre conscientes e seu corpo astral está claramente delineado e bem organizado. É a imagem e o instrumento, ao mesmo tempo, do homem adiantado que pode utilizá-lo como veículo muito mais cômodo do que o físico. No entanto, a alma ou o corpo astral do homem vulgar está inativo e é incapaz de receber inspiração durante o sono.

A alma do homem vulgar assemelha-se à criança que não pode conceber nem desenvolver coisa alguma.

A palavra “neófito” em certas sociedades místicas interpreta claramente o significado da criança no mundo da alma. Por isto vemos que o homem depois da morte encontra-se perturbado como se estivesse sonhando e em estado inconsciente, e tem certas situações agradáveis e desagradáveis, confusas e grotescas.

O ser evoluído, o santo, segundo as religiões, tem a receptividade astral ou anímica muito desenvolvida; por isto recebe e pode responder a todos os pedidos cujas vibrações são puras e finas. Uma pessoa, com este dom, trabalha com muito mais poder e compreensão durante o sono sem perturbar o físico que dorme. Pode aprender muitas coisas, assistir aulas e trocar idéias com amigos que estejam encarnados ou desencarnados. Pode ligar-se a pessoas mais evoluídas do que ele e delas receber conselhos e instruções. Pode prestar serviços a muitos necessitados. ESTES SÃO OS CHAMADOS SANTOS, segundo as religiões.

Então, somente os adiantados podem trabalhar no mundo astral, os quais são muito poucos, enquanto que os demais dormem, e seu astral descansa perto deles, fatigado e inconsciente.

De maneira que são muito raros os que trabalham conscientemente no mundo da alma durante a vida física.

Agora vamos estudá-los detidamente para poder ajudá-los depois.

A Igreja ordena a oração antes de dormir e ao despertar do sono! Que grande e sábio conselho! A oração da noite eleva a alma ao mundo da paz, para que ela penetre nas regiões do “Mais Além” seguindo a orientação que recebe ao dormir.

*Esta obra foi impressa nas oficinas da
Gráfica Palas Athena tel: 279.6288
acabamento
Diral Gráfica e Editora Ltda. tel: 275.7976
São Paulo, Brasil*

